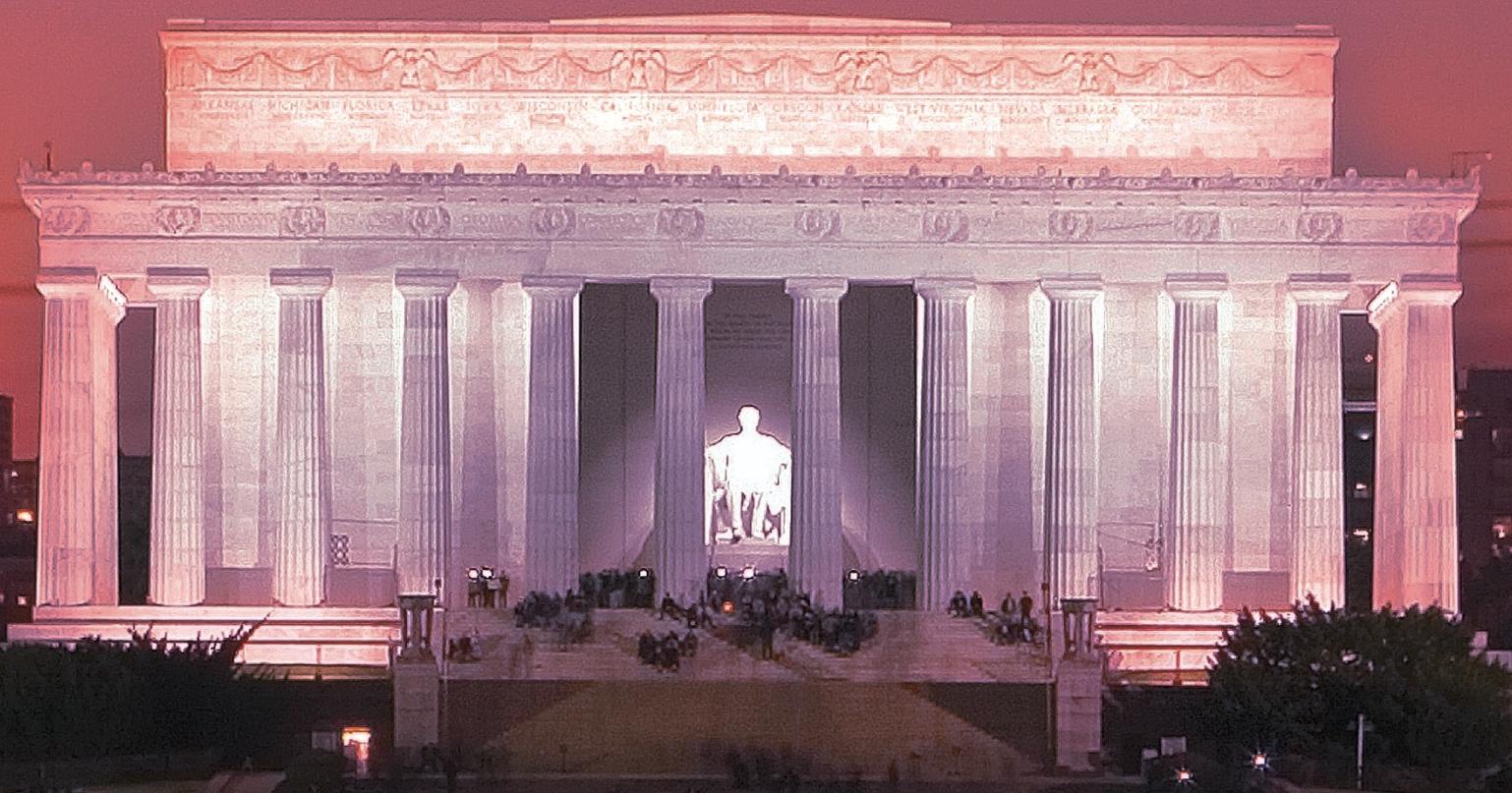


A B R A H A M  
L I N C O L N

UM LEGADO DE LIBERDADE



“Assim como eu não seria escravo, tampouco seria senhor. Isso expressa minha ideia de democracia. O que divergir disso, na proporção da diferença, não é democracia.”

# Índice

<b>Prefácio</b> .....	2
George Clack	
<b>O que Lincoln Significa para Mim</b> .....	4
Eileen Mackevich	
<b>O que Abraham Lincoln Significa para os Americanos Hoje</b> .....	6
Andrew Ferguson	
<b>Alicerces da Grandeza: Abraham Lincoln até 1854</b> .....	14
Douglas L. Wilson	
<b>Trajetória para a Casa Branca: Abraham Lincoln a partir de 1854</b> .....	22
Michael Jay Friedman	
<b>Lincoln de Cara Nova</b> .....	31
Meghan Loftus	
<b>Lincoln, o Comandante-em-Chefe</b> .....	32
Peter Cozzens	
<b>Lincoln, o Diplomata</b> .....	40
Howard Jones	
<b>Lincoln, o Emancipador</b> .....	46
Michael Jay Friedman	
<b>As Palavras que Comoveram uma Nação</b> .....	52
Ronald C. White, Jr.	
<b>Palavras de Sabedoria</b> .....	61
<b>Recursos Adicionais</b> .....	62

# PREFÁCIO

GEORGE CLACK

O ano de 2009 marca o 200º aniversário do nascimento de Abraham Lincoln, o presidente americano quase sempre considerado o maior dos líderes deste país. A reverência dos americanos por Lincoln teve início com sua morte trágica por assassinato em 1865, ao fim de uma guerra civil brutal na qual 623 mil homens morreram, a União passou por seu maior teste e a escravidão foi banida. E seu lugar sagrado na iconografia dos Estados Unidos permanece. Mais de 14 mil livros sobre Lincoln foram publicados até hoje. O acadêmico contemporâneo Douglas L. Wilson chama Lincoln de o “mais notório e aclamado de todos os americanos”.

Por que acrescentar mais um volume à montanha de obras sobre Lincoln? Porque acreditamos que Lincoln personifica ideais americanos fundamentais que se estendem da fundação desta nação até os dias de hoje.

Entre os americanos que têm essa visão do nosso 16º presidente está o 44º presidente, Barack Obama. Escrevendo em 2005, como recém-eleito senador americano, Obama declarou que era difícil imaginar um cenário menos provável do que a sua própria ascensão — “exceto, talvez, aquele que permitiu que uma criança nascida no interior do Kentucky com menos de um ano de educação formal se tornasse o maior cidadão de Illinois e o maior presidente da nossa nação”.

Na biografia de Lincoln, continuou Obama, a maneira “como

ele saiu da pobreza, seu domínio absoluto da linguagem e da lei, sua capacidade para superar perdas pessoais e se manter determinado diante de repetidas perdas... lembrou-me um elemento fundamental mais abrangente da vida americana — a crença inabalável de que podemos constantemente nos rever para atingir nossos maiores sonhos”.

Ao reunir historiadores de renome e pedir a eles que avaliassem Lincoln de diferentes ângulos, esperamos ajudar as pessoas do mundo todo a entender as origens da grandeza do homem, bem como seu lugar no coração dos americanos.

Este volume, portanto, apresenta um tipo de retrato pontilhado de Lincoln. A introdução oferece uma visão pessoal de Lincoln, de autoria de Eileen Mackevich, diretora executiva da Comissão do Bicentenário de Abraham Lincoln. No ensaio de abertura, “O que Abraham Lincoln Significa para os Americanos Hoje”, o jornalista Andrew Ferguson investiga as bibliotecas dos livros de Lincoln, os colecionadores da *memorabilia* de Lincoln, os atores que representam Lincoln para o público e o Memorial Lincoln, em Washington, DC, para saber o que dizem sobre esse interesse permanente por Lincoln. Em seguida, em “Alicerces da Grandeza: Abraham Lincoln até 1854”, o historiador Douglas Wilson reconta a história de um menino nascido de pais humildes em uma cabana da fronteira que decide se tornar aquele grande arquétipo deste

país — o *self-made man*, o homem que consegue vencer na vida pelo próprio esforço. Em “As Palavras que Comoveram uma Nação”, o biógrafo Ronald C. White descreve outros dons excepcionais de Lincoln — sua eloquência, o domínio das palavras abarcando as cadências bíblicas sublimes que inspiram uma nação e, igualmente, a sabedoria despretensiosa dos homens comuns.

Três ensaios examinam o papel de Lincoln como líder durante a grave crise nacional da Guerra Civil. Em “Trajetória para a Casa Branca: Abraham Lincoln a partir de 1854” e “Lincoln, o Emancipador”, o editor deste livro, Michael Jay Friedman, expõe os problemas que levaram à Guerra Civil e os eventos que fizeram com que Lincoln emitisse, em 1863, a Proclamação da Emancipação, que libertou os escravos do Sul dos EUA. Peter Cozzens, historiador da Guerra Civil, em “Lincoln, o Comandante-em-Chefe”, fala dos



No centro do Memorial Lincoln (acima), a escultura de Daniel Chester French (na página ao lado) retrata Lincoln voltado para o leste, em direção ao Monumento Washington

IN THIS TEMPLE  
AS IN THE HEARTS OF THE PEOPLE  
FOR WHOM HE SAVED THE UNION  
THE MEMORY OF ABRAHAM LINCOLN  
IS ENSHRINED FOREVER



obstáculos que o presidente teve de superar para criar um Exército da União eficaz e um quadro de generais para comandá-lo. Por fim, o historiador diplomático Howard Jones, em “Lincoln, o Diplomata”, descreve os desafios internacionais enfrentados por Lincoln como presidente da guerra e como ele os superou.

Apesar de todos os livros, artigos e conferências sobre Lincoln, além

das inúmeras homenagens feitas a ele, um certo mistério ainda paira no ar. No fim, a figura de Lincoln parece tão grandiosa, tão diversificada, tão cheia de significados que os americanos de todas as estirpes quase sempre o convocam para suas causas. Em entrevista recente, Andrew Ferguson talvez tenha sido o que melhor entendeu o poder do ícone: “Lincoln também nos remete a algo essencial do nosso credo nacional. O

ícone de Lincoln nos faz lembrar da ideia de que a União, por si só, não é suficiente. A União tem de se dedicar a uma proposta: a de que todos os homens são criados iguais.”

---

George Clack é diretor do Escritório de Publicações no Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado

# O que Lincoln Significa para Mim

EILEEN MACKEVICH

**E**ntre os heróis da História, Abraham Lincoln figura como “o” herói original americano. Nascido de pais modestos na dura e sofrida fronteira, sua ascensão meteórica nunca foi menos do que inspiradora. Lincoln continuou a crescer e renovar-se durante toda a sua vida. Mesmo após 200 anos,

nós buscamos sua orientação. Na verdade, não podemos fazer nada melhor do que imitar o nosso 16o presidente: um homem de ambição tenaz, que é tão americana, mas também alguém cuja intenção foi sempre temperada pela determinação inabalável de nunca comprometer sua integridade pessoal.

Nunca enfadonho, o nosso Lincoln. Ele era um homem simples, um homem complexo, um trabalhador, um anedotista, um recluso, um homem de ação, um visionário. Justamente quando achamos que o entendemos, ele foge à nossa compreensão. Não é um homem para ser rotulado. Há um Lincoln para todas as estações e todas as razões.

Os acadêmicos encontram solo fértil nas muitas manifestações de Lincoln. Eles debatem a substância de sua vida e o significado mais amplo da sua morte trágica. Como se desenvolveram suas visões sobre raça? Por que agiu tão cautelosamente com relação à emancipação? Foi movido apenas pelo imperativo do sucesso no campo de batalha e a consequente necessidade de obter apoio externo? Quando foi que abraçou a ideia de cidadania plena para os ex-escravos? O seu plano de Reconstrução reuniria com sucesso o Norte e o Sul e ao mesmo tempo garantiria aos ex-escravos sua plena igualdade legal?

Apenas Lincoln poderia ter nos desviado do trágico curso das relações raciais que se seguiu após a sua morte. Como colocou John Hope Franklin, o

acadêmico afro-americano frequentemente chamado de decano dos historiadores americanos: “De todos os presidentes americanos, apenas Lincoln varou noites preocupado com o destino da minha gente.”

Embora Lincoln conte hoje em dia com a admiração quase universal de seus compatriotas, durante sua vida ele não foi exatamente um homem de todas as estações e de todas as razões. Muitos sulistas e abolicionistas não gostavam dele. Frederick Douglass, o ex-escravo que se tornou autor, editor e reformador político abolicionista (também o homem mais admirado na Inglaterra), culpou Lincoln por não ter agido rapidamente com relação à emancipação. Douglass acreditava que Lincoln se preocupava demais com os estados escravistas das fronteiras que não se juntaram à rebelião sulista. Apenas mais tarde Douglass percebeu a maestria política de Lincoln: finalmente ele veio a entender que o presidente era um político pragmático e habilidoso que sabia exatamente o quão rápido e até onde poderia impelir o povo americano rumo à abolição.

Sempre ansioso por aprender, Lincoln convidou para a Casa Branca pessoas sem papas na língua. Ele respeitava a honestidade dessas pessoas. Douglass foi uma delas. Outra foi Anna Dickinson, uma ativista *quaker* abolicionista, defensora dos direitos das mulheres e grande admiradora de Lincoln. Mas ela acabou se voltando contra Lincoln porque ele não



L I V E T H E L E G A C Y

Criada por ato do Congresso, a Comissão do Bicentenário de Abraham Lincoln trabalha para celebrar a vida e o legado do 16º presidente dos Estados Unidos, revigorando seus pensamentos, ideais e espírito em toda a nação e no mundo

apoiou sua acusação de traição contra o pomposo general George B. McClellan, dado a intrigas políticas. Lincoln ouviu respeitosamente americanos de várias insígnias, de abolicionistas negros a ativistas *quakers*, dos indivíduos talentosos e dinâmicos que incluiu em seu gabinete, aos rivais políticos — mas as decisões importantes sempre foram tomadas somente por ele. Como líder, Lincoln agia deliberadamente, sempre testando os ventos políticos predominantes. Ele mudava de opinião com frequência. Era, no jargão moderno do eminente historiador James Horton, o perfeito “vira-casaca”. Mas o grande cientista social W.E.B. Du Bois pode ter chegado à verdade essencial quando se referiu a Lincoln como “grande o suficiente para ser incoerente”.

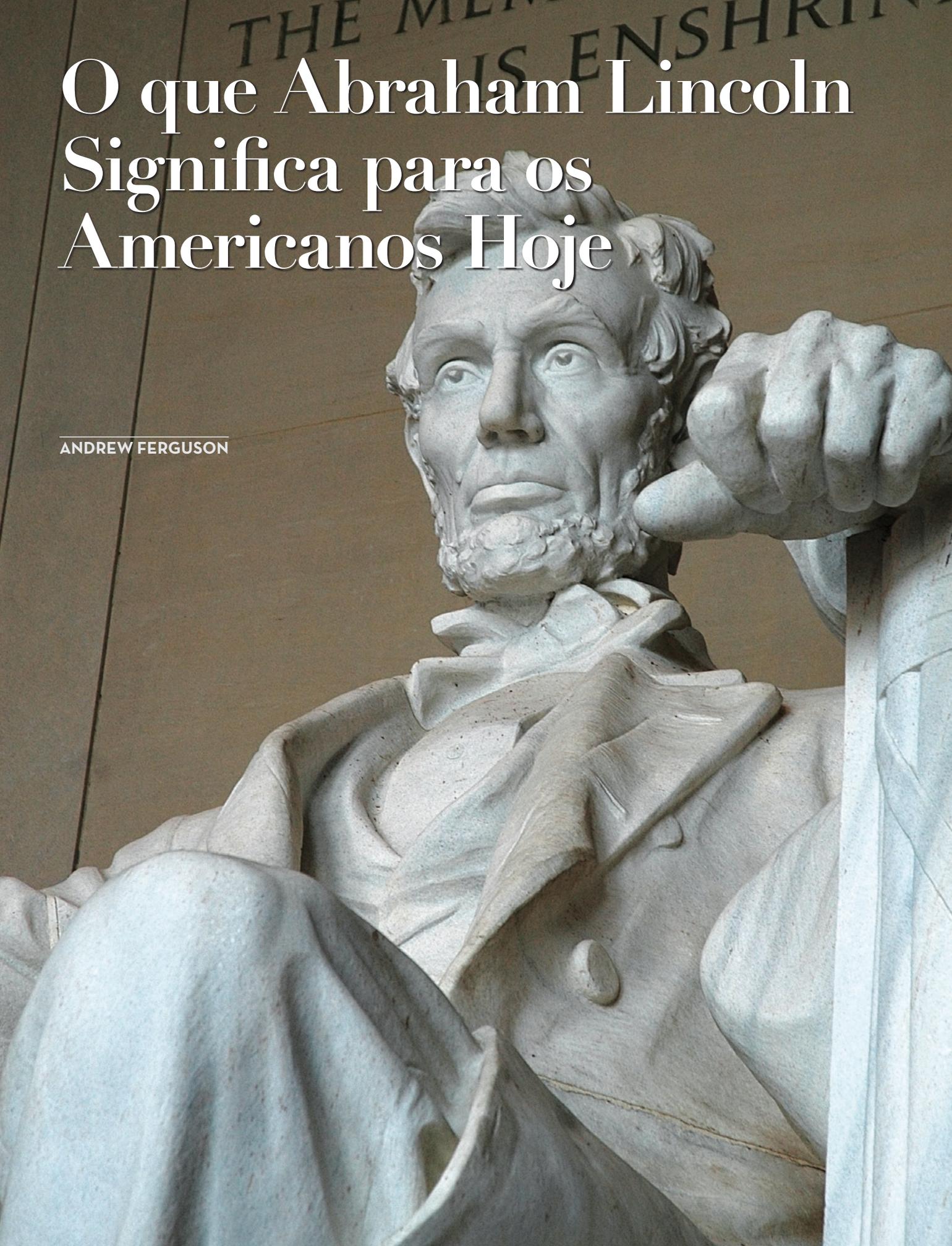
Minha grande atração por Lincoln se baseia na sua nobreza de caráter, no seu “fazer-se por si próprio” no sentido mais amplo do século 19 descrito pelo historiador John Stauffer. Como seu pensamento estava profundamente enraizado em uma crença na igualdade e nos ideais de liberdade, podemos imaginar tudo sobre Lincoln. Ele poderia ter resolvido o problema racial; ele poderia ter estendido o direito de voto às mulheres. Ele é, mais do que qualquer outro, o herói americano.

Em um dia ensolarado de primavera, pouco antes de seu assassinato, Abraham Lincoln e sua esposa, Mary Todd Lincoln, foram fazer um passeio de carruagem. A guerra havia acabado. O otimismo reinava. Abe contemplava o futuro. Após o término do seu mandato de presidente, Lincoln disse à sua esposa, ele gostaria de viajar para a Europa e outros lugares. Não era para acontecer. Porém, em um sentido mais amplo, Abraham Lincoln viajou o mundo — sua convicção de que o homem comum poderia se renovar é muito inspiradora para todos nós.

Eileen Mackevich é diretora executiva da Comissão do Bicentenário de Abraham Lincoln. É cofundadora do Festival de Humanidades de Chicago do qual foi presidente de 1989 a 2005. Ela é jornalista da afiliada de Chicago da Rádio Pública Nacional e foi diretora adjunta do Conselho de Humanidades de Illinois.

# O que Abraham Lincoln Significa para os Americanos Hoje

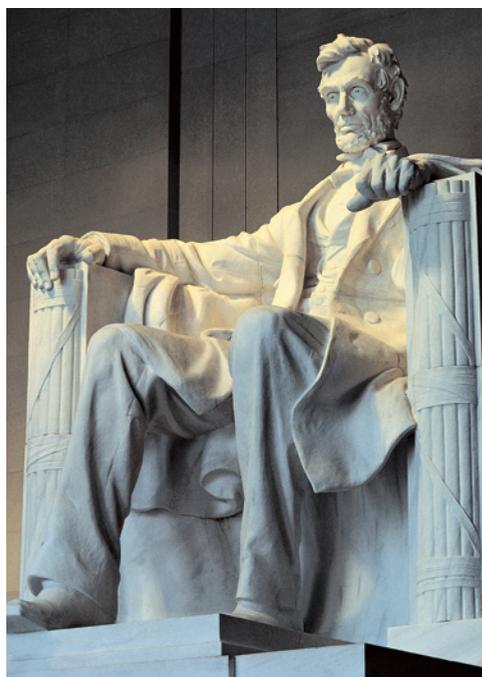
ANDREW FERGUSON



“**A**h,” retrucou um escritor, meu conhecido, quando lhe contei que também havia sido contratado para escrever um livro. “Um livro sobre Abraham Lincoln. É justamente do que os Estados Unidos precisam.” Para ser honesto (comigo mesmo), meu livro não era *bem* sobre Lincoln, pelo menos não diretamente. Mesmo assim, o sarcasmo de meu colega me atingiu.

“*Acredito firmemente no povo. Se lhes dizem a verdade, pode-se confiar neles em qualquer crise nacional. O importante é trazer-lhes os fatos reais.*”

Por trás daquele sarcasmo havia uma parcela de verdade. Ele não conhecia os números, mas eu sim: desde aquele infeliz incidente no Teatro Ford, quando a bala de um assassino roubou a vida de Abraham Lincoln, mais de 14 mil livros foram escritos sobre ele, que se transformou numa obsessão para escritores do mundo todo, ficando atrás somente de Jesus e Napoleão. E a linha de montagem nunca diminuiu, nem mostra sinais de diminuir — como comprova o livro em suas mãos. Não fazia muito tempo que eu estava escrevendo o meu livro sobre Lincoln quando esse assunto começou a me perturbar.



Lançado em 1922, o Memorial Lincoln inclui (esquerda e acima) uma estátua de 19 pés (5,8 metros) de Lincoln sentado, construída no local com 28 peças de mármore branco da Geórgia

Era fim de semana, e eu estava na cidade natal de Lincoln, Springfield, em Illinois, assistindo a uma conferência sobre ele. (É estranho estar em Springfield em um fim de semana e não assistir a uma conferência sobre Lincoln.) A audiência era grande — cerca de cem pessoas entre acadêmicos, autores, historiadores amadores, aficionados, admiradores e, pelo jeito, alguns vagabundos de rua. Em dado momento, o moderador interrompeu as atividades para pedir aos presentes que erguessem as mãos.

“Só por curiosidade”, disse ele, “quantas pessoas aqui estão escrevendo um livro sobre Abraham Lincoln?”

Quase metade do público levantou as mãos.

Senti-me desanimado, mas não dissuadido, e logo comecei a matutar sobre as dificuldades práticas que o excesso de livros sobre Lincoln cria para os autores que são tolos o suficiente para tentar acrescentar alguma coisa. Elas incluem, entre muitas outras, o problema de vasculhar documentos históricos dos quais já se espremeram todos os fatos e revelações imagináveis. De vez em quando ainda aprendemos algo novo sobre Lincoln, mas as descobertas, por serem mínimas, despertam o interesse somente dos profissionais e daqueles obcecados mais ferrenhos; os livros recentes sobre Lincoln que atraíram a atenção do público apresentam fatos antigos dispostos de novas maneiras. Um problema mais banal e, para mim, imprevisto, foi a questão do título. Que o escritor



fique alerta: em algum lugar naquela pilha de 14 mil volumes, um ou outro autor já deu a seu livro o mesmo título escolhido por você.

### Tudo sobre Lincoln

Cada frase que pode ser tirada dos discursos mais famosos de Lincoln já foi estampada em alguma capa, de *A New Birth of Freedom* (*O Renascimento da Liberdade*) a *With Malice Toward None* (*Maldade para Ninguém*), de *With Charity for All* (*Caridade para Todos*) a *Of the People, By the People, For the People* (*Do Povo, Pelo Povo, Para o Povo*). Pesquisei mais e descobri um tipo de interconexão verbal, como se todos os autores de Lincoln tivessem recebido um número limitado de palavras e fossem forçados a arranjá-las em ordem diferente. Havia *The Sword of*

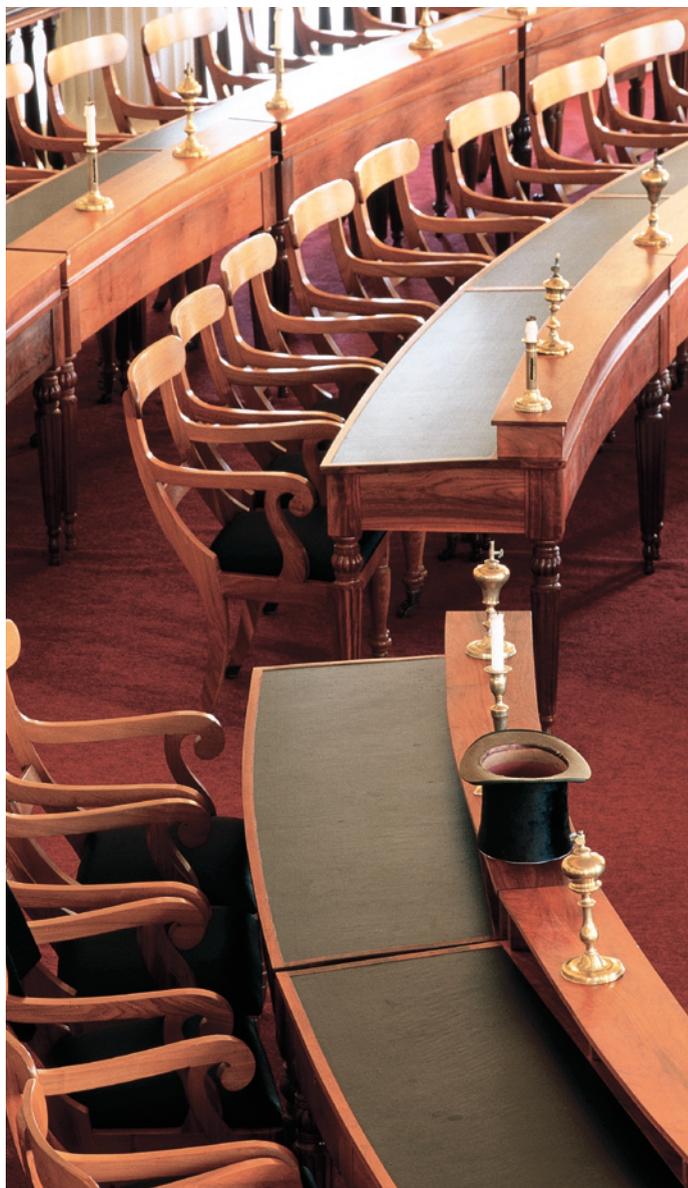
*Lincoln e Lincoln's Sword; Lincoln and the Generals e Lincoln's Generals; The Inner World of Abraham Lincoln, The Intimate World of Abraham Lincoln, Abraham Lincoln's World e Abraham Lincoln's Intimate World; Lincoln's Virtues e Virtuous Lincoln*. Havia *In Lincoln's Footsteps, In the Footsteps of the Lincolns* e — para variar um pouco — *In Lincoln's Footprints*. Pelas minhas contas, há três livros chamados *The Real Lincoln*, cada um dos quais apresenta um Lincoln real completamente incompatível com o Lincoln real descrito nos outros dois.

Isso me surpreendeu menos do que seria esperado, pois a outra coisa que me impressionou enquanto pesquisava para o meu próprio livro, *Land of Lincoln* — para não confundir com *The Living Land of Lincoln*, de Thomas J. Fleming,

Artistas não resistiram ao desafio de imaginar a cabana de madeira onde Lincoln nasceu em área remota do Kentucky

publicado em 1980 —, foi justamente quantos Lincolns estavam circulando por aí. Eu era um garoto no início da década de 1960 quando Lincoln assomou enorme e inevitável, um bem comum, uma referência para o país como um todo. Agora todo mundo parecia ter seu próprio Lincoln. Era como se esse grande patrimônio nacional tivesse sido despedaçado e privatizado.

Mais uma vez os livros contaram histórias. Só nos últimos anos tivemos um livro provando que Lincoln era um cristão fundamentalista — escrito por um cristão fundamentalista. Um outro provou que a grandeza de



Abraham Lincoln atuou no Senado do estado de Illinois, cuja câmara original, não mais em uso, é mostrada aqui com uma capa e uma cartola no estilo Lincoln



Lincoln veio de sua batalha contra a depressão clínica; o livro foi escrito por um jornalista que lutava contra uma depressão clínica. E, o que é mais surpreendente, um ativista gay publicou um livro em 2005 afirmando que Lincoln, embora não fosse um ativista gay, era pelo menos um gay ativo. Conservadores escreveram livros sobre o conservadorismo de Lincoln. Liberais o descreveram como um liberal. E, em 2003, foi publicado um livro provando que se Lincoln estivesse vivo, suas opiniões políticas não seriam diferentes das do ex-governador do estado de Nova York, Mario Cuomo. Duas chances para adivinhar quem o escreveu.

### **Louca paixão por Lincoln**

Perplexo com toda essa esfoliação de Lincolns, você pode estar tentado a responder à pergunta do título — o que Abraham Lincoln significa para os americanos hoje? — com uma outra pergunta fácil: o que Lincoln não significa para os americanos hoje? Parece que ele significa todas as coisas de uma vez, o que poderia levar um cético a concluir que ele deixou de ter um significado especial. Mas isso seria por demais superficial. Pois há algo de peculiarmente americano em todo esse excesso e essa exuberância de nossa paixão por Lincoln. Entender essa paixão, quero crer, pode ser um meio não apenas de compreender Lincoln como também de entender o próprio país.

A paixão é inegável, bem como surpreendente, para um país supostamente indiferente à sua

Duas imagens indelevelmente ligadas ao 16o presidente: sua cartola e uma nota de cinco dólares com o seu retrato



própria história. Nenhum outro americano foi tão cercado de pessoas à cata de curiosidades, tão mimado e tocado e acariciado; realmente — mais uma vez com a possível exceção de Napoleão — nenhum outro ser humano da história moderna teve um destino tão implausivelmente extravagante.

No entanto, nem mesmo Napoleão inspirou um grupo de homens a ganhar a vida fingindo ser ele, como ocorreu com Lincoln. Em alguns aspectos, a Associação dos Personificadores de Lincoln (conhecida como ALP na sigla em inglês) é meramente uma associação de classe como outra qualquer — a Teamsters, por exemplo, a Associação Nacional de Fabricantes ou a Petsitters International. Assim como elas, a ALP realiza uma convenção anual em que seus membros se reúnem para socializar, trocar dicas

profissionais e ouvir conselhos de especialistas sobre como melhorar os negócios. Ao contrário de outras convenções de profissionais de classe, no entanto, todo membro da ALP veste um fraque preto com uma cartola e exhibe uma barba negra, real ou postiça. Após a convenção, eles voltam para casa e, revigorados, começam novamente o trabalho de ida a escolas, conversas em clubes Kiwanis, apresentações no movimento Chautauqua, demonstrações em feiras de condados — o trabalho de evangelizar um país que, segundo acreditam, precisa mais de Lincoln que de qualquer outra coisa. Perguntei ao seu presidente e fundador por que eles fazem isso, por que se preocupam. “Lincoln”, respondeu ele, “nos lembra do que precisamos saber, mas podemos ter esquecido”.

É difícil descrever o efeito de ver mais de cem homens vestidos

Localizada em Springfield, Illinois, a Biblioteca Presidencial Abraham Lincoln disponibiliza para o público registros e materiais sobre o 16º presidente

de Abraham Lincoln reunidos em um salão de hotel, ouvindo um especialista em Relações Públicas discursar sobre “Como fazer a mídia local trabalhar para você”, mas acostumei-me a tais excentricidades enquanto pesquisava sobre Lincoln.

Há talvez 15 mil americanos colecionadores da *memorabilia* de Lincoln, embora nos últimos anos o preço de seus documentos e outros artefatos de primeira mão — que um colecionador chamou de “coisas realmente boas” — tenha atingido uma estratosfera acessível somente aos connoisseurs mais ricos.

Mas os colecionadores menos abastados jamais são dissuadidos. Com engenhosidade típica, eles rebaixaram os padrões de qualidade

para cobrir produtos que podem obter um preço mais razoável: as “coisas boas” agora incluem, por exemplo, capas de pastas da antiga Lincoln Life Insurance Company, que são vendidas a menos de US\$ 10. O site de leilões eBay provou que qualquer coisa associada a Lincoln pode encontrar um comprador. Documentos que passaram por suas mãos hoje valem dezenas de milhares de dólares, de modo que os admiradores não tão ricos começaram a comercializar documentos forjados, particularmente aqueles de falsificadores célebres como

Joseph Cosey, artista que prosperou na década de 1930. Uma “carta de Lincoln” forjada por Cosey pode ser vendida a US\$ 2.500. “Mas você precisa ter certeza de que é uma falsificação verdadeira, um autêntico Cosey”, disse-me um colecionador. “O mercado está tão aquecido que estamos vendo uma profusão de falsificações.”

### **Expressando a experiência americana**

Por quase um século, historiadores e sociólogos tentaram explicar a paixão

histórica que resultou nesses adoráveis absurdos. As conclusões a que chegaram são em geral inteligentes e até mesmo plausíveis. Disseram que Lincoln continua a fascinar seus conterrâneos como nenhum outro personagem da história porque ele foi o primeiro a ser amplamente fotografado: é, portanto, mais real para nós do que grandes figuras de outras épocas. É verdade que Lincoln era particularmente sensível ao modo como se apresentava ao público, inclusive com o uso da então nova arte fotográfica. Ele quase nunca deixava passar uma oportunidade de fazer um retrato. Graças a essa astúcia, parece que o conhecemos de um modo como jamais pudemos conhecer George Washington ou Thomas Jefferson.

Outro argumento é que não importa quão familiarizados estejamos com seu rosto, seus olhos tristes e seu cabelo desgrenhado, Lincoln é ao mesmo tempo instigante e enigmático; é esse mistério que nos leva ao homem melancólico, espirituoso, inteligente, reservado, distante e gentil descrito por seus conhecidos. Outros historiadores acreditam que nossa paixão por ele tem origem no drama de sua história pessoal: nascido em extrema pobreza e tendo se tornado um dos grandes homens da história da humanidade, Lincoln incorpora o “direito de progredir” que os americanos reivindicam como seu direito inato. Outros ainda creditam sua longa fama ao seu assassinato numa Sexta-Feira Santa, choque do qual o país nunca se recuperou totalmente. Nossos teóricos mais judiciosos dizem que somos obcecados por Lincoln porque ele presidiu, e de alguma forma exemplifica, o maior trauma da história americana, uma guerra civil que reinventou os Estados Unidos como o país que conhecemos hoje.



A Proclamação da Emancipação original é exibida na Biblioteca Pública de Nova York



“Personificadores de Lincoln” de todas as idades e tamanhos são encontrados em lugares que vão de salas de aula a penitenciárias. Como explica um deles: “Lincoln nos lembra do que precisamos saber, mas podemos ter esquecido”



Há verdade em todas essas explicações, suponho, mas a última, em minha opinião, é a que chega mais perto da verdade completa. Moro não muito longe do Memorial Lincoln em Washington, DC, aquele majestoso templo fotogênico às margens do

Rio Potomac que é o lar do “ícone Lincoln”. Durante o tempo que passei com acadêmicos, colecionadores e obcecados fazendo pesquisas para o meu livro e sendo apresentado por cada um deles a um outro Lincoln privatizado, criado a partir de suas

próprias conjecturas, ficava feliz em voltar para casa e fazer uma visita ao memorial para ver essa figura única e sólida, o Lincoln que todo americano pode reivindicar.

O memorial é o mais visitado de todos os nossos monumentos presidenciais. O mais extraordinário, no entanto, é a paz que desce sobre os turistas que sobem a grande escadaria e entram na frieza da câmara de mármore. Sua atenção é logo atraída para um ou ambos os discursos gravados nas paredes de cada lado da famosa estátua. Depois de todo esse tempo, ainda fico pasmo com o número de visitantes que param para ler, em um painel de pedra, o Discurso de Gettysburg e, no outro, o segundo discurso de posse de Lincoln.

O que eles leem é um resumo da experiência americana, expresso na melhor prosa que um americano foi capaz de escrever. Um dos discursos reafirma que o país foi fundamentado em uma tese, à qual se devotou: a verdade universal que se aplica a todos os homens em todos os lugares. O outro declara que a sobrevivência do país está de certa forma ligada à sobrevivência dessa tese — que se o país não tivesse sobrevivido, a própria tese poderia ter sido perdida. Às vezes os turistas choram ao lê-los; na verdade, eles choram quase sempre. E, ao vê-los, a gente entende: amar Lincoln, para os americanos, é uma maneira de amar o seu país.

É isso que Lincoln significa para os americanos hoje em dia e é por isso que ele significa tanto.

---

**Andrew Ferguson** Andrew Ferguson é editor sênior da revista *Weekly Standard* e autor de *Land of Lincoln: Adventures in Abe's America* [*Terra de Lincoln: Aventuras no País de Abe*].



Da Marcha em Washington por Empregos e Liberdade (acima), em que talvez 25 mil americanos presenciaram o discurso “Eu Tenho um Sonho” de Martin Luther King Jr., a dois jovens que tentam proteger as florestas tropicais (esquerda), os americanos que buscam mudanças políticas há muito se expressam no Memorial Lincoln

# Alicerces da Grandeza: Abraham Lincoln até 1854

DOUGLAS L. WILSON



Livresco e em grande parte autodidata, Lincoln talvez escrevesse a melhor prosa política de qualquer americano e ultrapassasse seus contemporâneos mais privilegiados.

**A**braham Lincoln é o mais notório e aclamado de todos os americanos e o único estadista entre eles cuja história de vida é geralmente familiar. O status de Lincoln como a quintessência do self-made man e sua ascensão legendaria desde as origens obscuras no interior até a Presidência estão

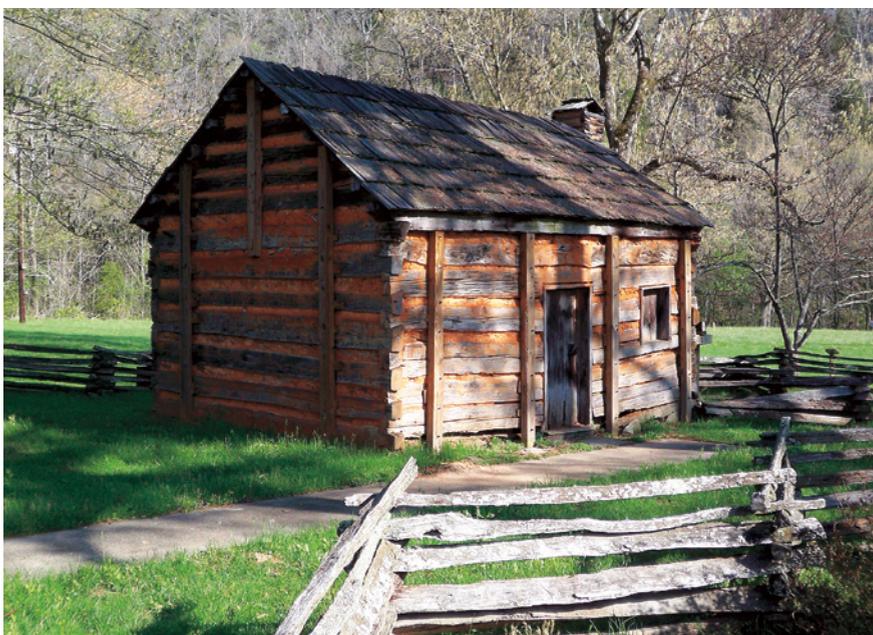
*“Toda vez que ouço alguém defendendo a escravidão, sinto forte impulso de vê-lo experimentando isso na carne.”*

profundamente enraizados no imaginário dos americanos. O que os americanos conhecem sobre seu 16º presidente, em geral, é reconhecidamente mais lenda do que biografia, mas as linhas gerais de sua história familiar são, na maior parte, históricas.

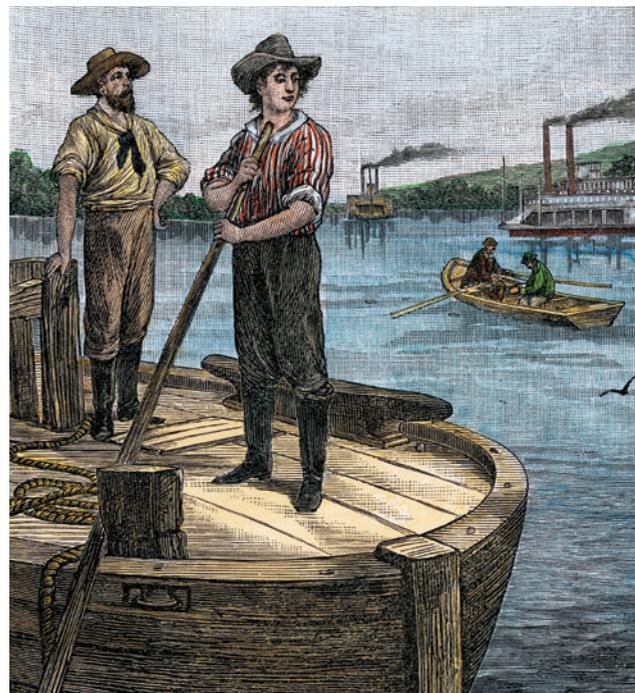
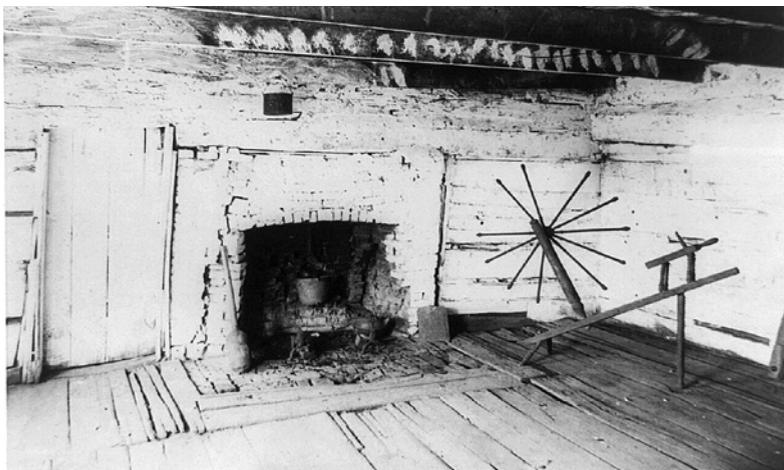
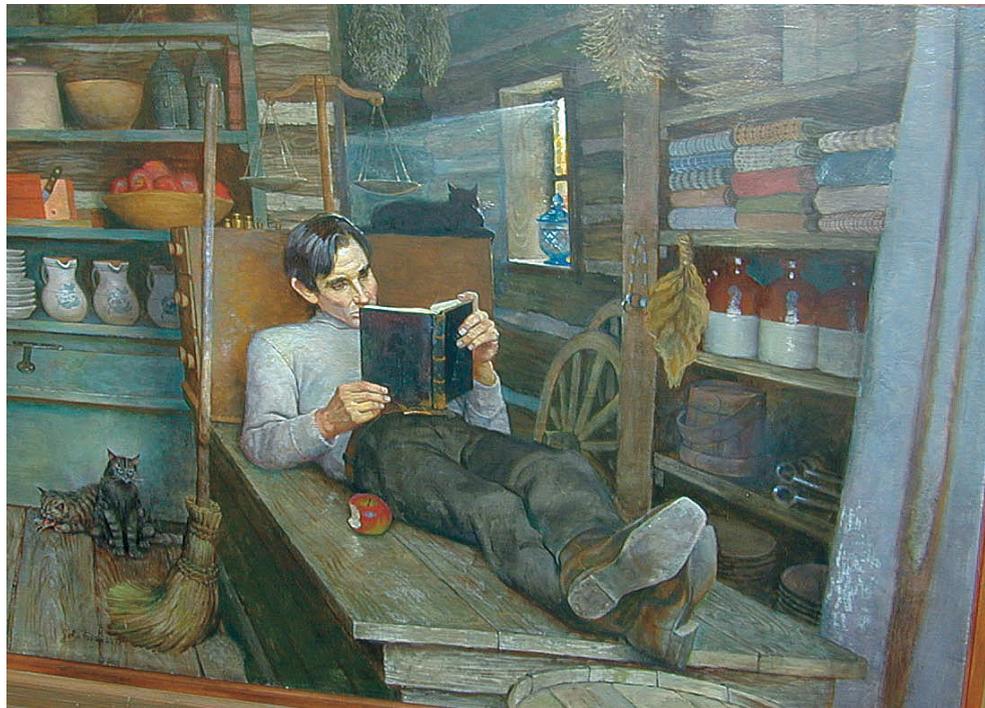
Lincoln nasceu em 1809, em uma cabana rústica de madeira, de pais muito humildes e incultos; cresceu em um povoado no interior que era praticamente território selvagem; lá, desde os 7 anos, ajudou o pai a formar uma fazenda, abrindo caminho a machado. Contando apenas com alguns meses de escolaridade, estudou sozinho com afinco para adquirir conhecimentos básicos em leitura, escrita e aritmética; quando jovem, longe da família e realizando trabalhos humildes, aprendeu nos

livros, por conta própria, matérias como gramática inglesa, matemática suficiente para saber topografia e legislação o bastante para tornar-se advogado com a idade de 27 anos. E, naturalmente, exerceu seu mandato de modo triunfal na mais grave crise dos Estados Unidos, salvando seu país da dissolução, liderando o término da escravidão e morrendo como autêntico mártir americano.

Embora a fama mundial de Lincoln seja resultado de sua conduta como presidente, decisiva e digna de um estadista, durante a longa Guerra Civil de 1861 a 1865, a lenda que o cerca, bem conhecida dos americanos, é baseada em imagens familiares de seus primeiros anos: filho de um homem pobre das fronteiras em Indiana, representado com um machado nas mãos, o menino da cabana rústica de madeira lendo à luz



“Praticamente um território selvagem.” O Sítio Histórico Nacional do Local de Nascimento de Abraham Lincoln em Knob Creek, Kentucky



Retrato de um self-made man. No sentido horário a partir de baixo do lado esquerdo: interior da cabana original de Lincoln, com a fiandeira da sra. Lincoln à direita; um caderno confeccionado por Lincoln para fazer contas; Lincoln roubando algum tempo de seus deveres de vendedor de loja para estudar Direito; trabalhando nas chatas que levavam produtos rio abaixo, de Illinois até Nova Orleans

da lareira, o honesto vendedor de loja e diretor dos correios do povoado, o recém-chegado destemido que enfrenta os meninos briguentos e fanfarrões, o topógrafo autodidata com compasso e trena, o estudante aplicado preparando-se para a prática da advocacia.

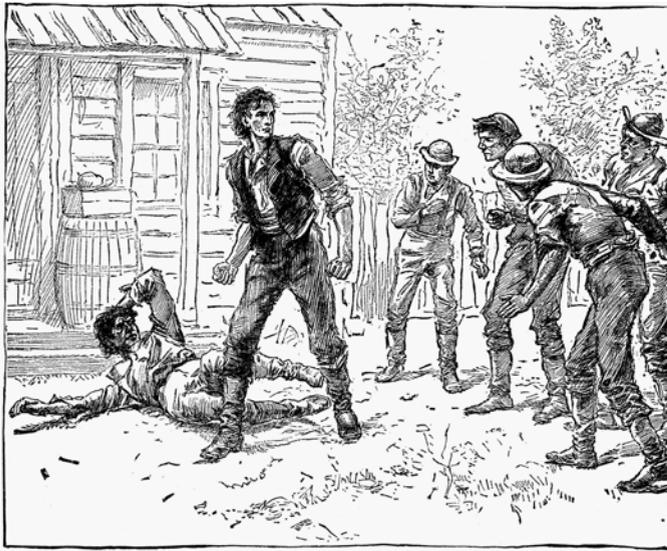
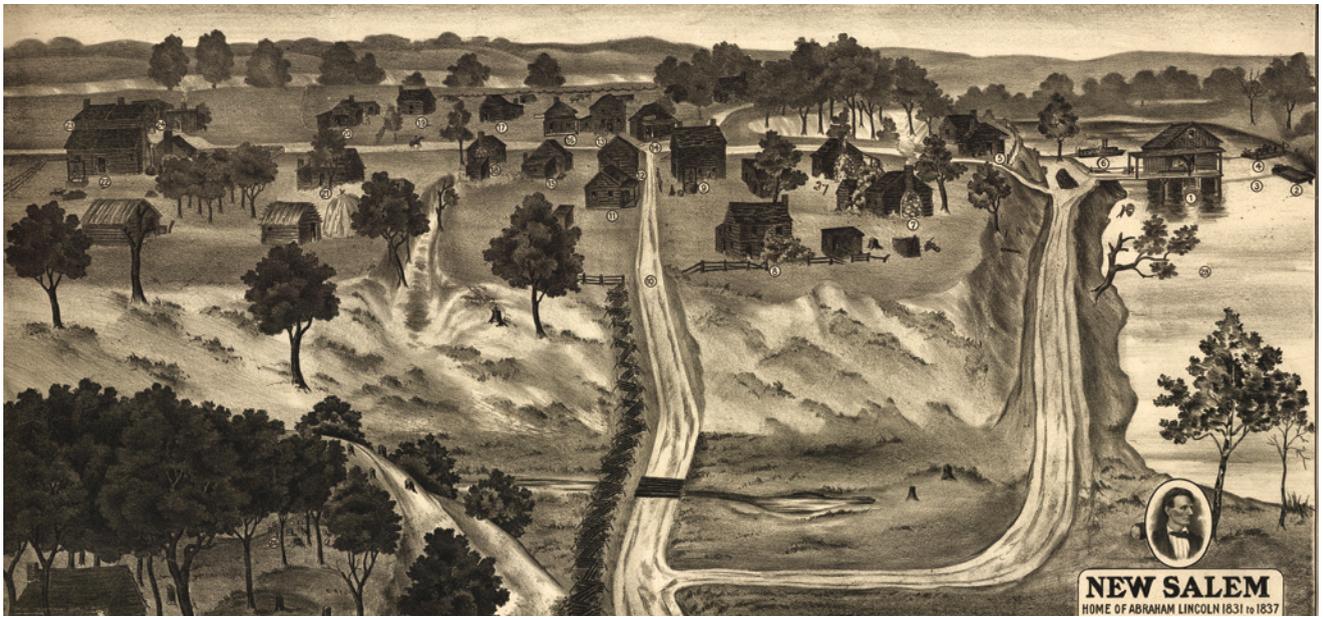
Coisas como o caráter racional e intensamente cético de sua mente e as dificuldades bem reais que teve de

enfrentar em seus anos de formação, que nem sempre fazem parte da lenda popular, são, no entanto, aspectos cruciais de seu desenvolvimento.

### Uma mente pronta para o aprendizado

Desde o início, Abraham Lincoln era diferente, e de um modo que muitos de seus vizinhos — e especialmente seu pai — não aprovavam.

Diferentemente de quase todo mundo com quem foi criado, Lincoln era sobremaneira interessado em palavras e significados. Ele aprendeu a ler e escrever bem novo, tomando livros emprestados e fazendo anotações sobre o que lia. Para seu pai e a maioria de seus colegas, isso era considerado pouco mais do que indolência, um modo de evitar as tarefas de lavrador.



Acima: Lincoln chegou a Nova Salem, em Illinois, aos 22 anos. Logo ganhou o respeito da comunidade e foi eleito para o Legislativo de Illinois. Esquerda: considerado um lutador quase imbatível, Lincoln derruba Jack Armstrong, participante do localmente conhecido grupo dos Clary Grove Boys de Nova Salem

Mas Lincoln foi incentivado nos estudos pela madrastra, que mais tarde disse ao advogado William H. Herndon, ex-sócio de Lincoln, que, embora o menino “não gostasse de trabalhos braçais”, ele não era preguiçoso, mas “interessado em adquirir conhecimentos — ansiava pelo saber e, se dependesse de sacrifícios e trabalho, ele com certeza conseguiria”.

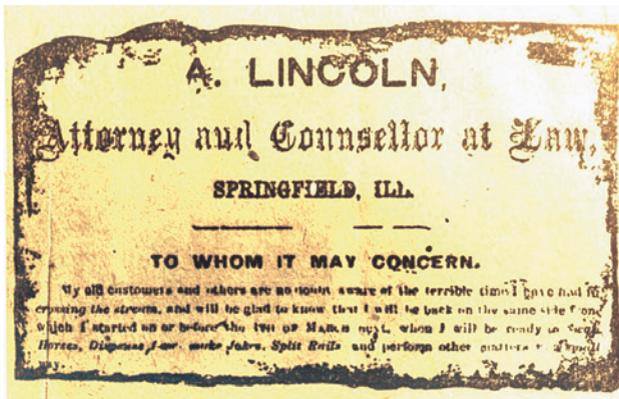
Embora suas leituras da juventude tenham sempre sido uma característica preponderante da lenda sobre Lincoln, provavelmente não foram tão importantes no longo prazo quanto seus escritos. Após

o assassinato de Lincoln, Herndon procurou e entrevistou os ex-vizinhos do presidente em Indiana, muitos dos quais lembravam que o jovem Lincoln havia se destacado como escritor talentoso de ensaios e poemas. E, afinal, seus escritos foram considerados pelo menos tão importantes quanto seus atos, pois estão entre os mais familiares e influentes de toda a literatura americana.

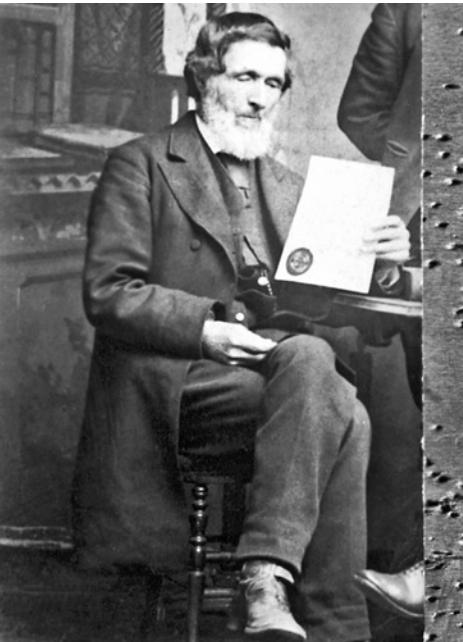
Quando saiu de casa e tomou seu rumo aos 22 anos, Lincoln foi morar no pequeno vilarejo de Nova Salem, Illinois, onde passou seis anos movimentados. De aparência

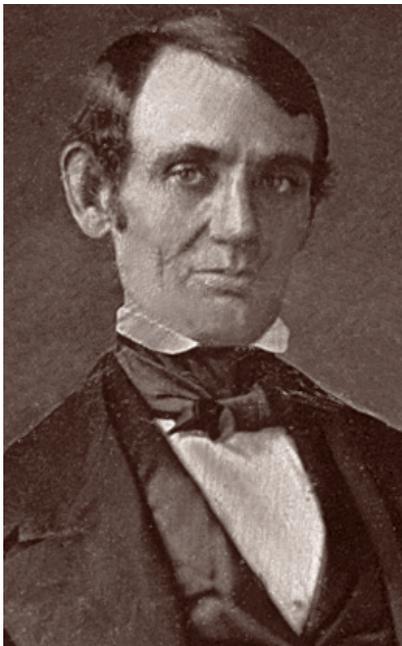
pouco atraente, era descrito com frequência como desajeitado e mal vestido, mas os outros habitantes logo descobriram que ele tinha muitos atributos. Além de ser inteligente e, para surpresa deles, bem informado, tinha temperamento extraordinariamente bom e amigável. Sobressaía-se em competições atléticas populares como corrida, salto e arremesso de peso; era um lutador excepcionalmente forte e quase imbatível; e, embora não bebesse, era sociável e tinha muita habilidade para contar histórias. Dessa forma, era muito querido, e quando as milícias foram chamadas para lutar contra índios durante seu primeiro ano em Nova Salem, ele foi escolhido como capitão da companhia local. Ao relembrar essa honra muitos anos depois, admitiu que “desde então nenhum outro feito em sua vida lhe dera tanta satisfação”.

Sustentando-se por meio de vários empregos, Lincoln estudou de forma assídua durante os anos passados em



Lincoln estabeleceu seu escritório de advocacia com o sócio William H. Herndon (abaixo, à esquerda) no centro de Springfield, Illinois (abaixo), local do Capitólio do Estado (mais abaixo)





As primeiras fotos conhecidas (tiradas por volta de 1846) de Abraham e Mary Todd Lincoln

Nova Salem para compensar a falta de educação formal, coisa da qual continuou dolorosamente consciente a vida toda. Tomando emprestado livros sempre que possível, estudou história e biografias, mostrando grande gosto por literatura, com nítida preferência por Shakespeare e pelo poeta escocês Robert Burns.

Embora criado em família batista e frequentadora de igreja, evitou assumir qualquer compromisso religioso e, sob influência de racionalistas do século 18 como o conde de Volney e Thomas Paine, Lincoln adquiriu uma visão cética das principais doutrinas cristãs. Se o fato de ter frequentado a igreja na infância não lhe inculcou a crença religiosa, estimulou, no entanto, um interesse precoce que teria consequências por toda a vida, isto é, a oratória. Da mesma forma que entretinha seus companheiros de brincadeiras do interior de Indiana com imitações de sermões e discursos políticos, filiou-se à sociedade de debates de Nova Salem para desenvolver suas habilidades como orador.

Though raised in a Baptist and church-going family, he resisted making a religious commitment, and under the influence of such 18th-century rationalists as the Comte de Volney and Thomas Paine, Lincoln developed a skeptical view of basic Christian doctrines. If his childhood church-going did not implant religious belief, it did stimulate an early interest that would have lifelong consequences, namely, public speaking. Having entertained his playmates in backwoods Indiana with imitations of sermons and stump speeches, he now joined a New Salem debating society to develop his abilities as a speaker.

Primórdios da atividade política

Se, por um lado, Lincoln não foi atraído pelo fervor religioso e pelas disputas sectárias características da cultura da fronteira na qual foi criado, por outro, tomou gosto precoce pela política. Como aconteceu com a maioria das coisas às quais se dedicou, Lincoln logo se mostrou um orador extraordinariamente eficaz, talento

relacionado diretamente com seu subsequente sucesso político. Antes do término de seu primeiro ano em Nova Salem, apresentou-se como candidato para o Legislativo estadual, e essa seria, como mais tarde declarou, “a única vez que fui derrotado pelo povo”.

Quando concorreu de novo na eleição seguinte, ele ganhou facilmente e cumpriu quatro mandatos sucessivos. Em seu segundo mandato, apesar de ser um dos mais jovens legisladores, foi escolhido como líder de bancada do Partido Whig, uma honra que refletia sua capacidade como orador, sua energia e suas habilidades de organização e liderança.

O caráter do início das atividades políticas de Lincoln é bastante esclarecedor. Chegando à maioria em época e lugar em que os partidários entusiastas do populista Andrew Jackson e seu Partido Democrata eram maioria esmagadora, Lincoln também aí provou ser diferente, pois desde muito cedo se identificou como “anti-Jackson” em política. É evidente que ele foi atraído pelas medidas de desenvolvimento econômico defendidas por membros do Partido Whig, oponentes de Jackson, como bancos financiados pelo governo e melhorias internas. Se a única meta de Lincoln em política fosse ser eleito para cumprir um mandato, ele tinha escolhido o partido errado.

Quando se mudou para Nova Salem, Lincoln continuou cercado pelos democratas partidários de Jackson, embora as questões que dominavam as campanhas para o Legislativo estadual tendessem a ser mais locais do que nacionais. No entanto, diz muito sobre o político em formação que ele tenha conseguido se eleger, por boa



margem de votos, por um eleitorado fortemente partidário de Jackson.

Enquanto fazia campanha para o Legislativo, Lincoln foi incentivado a estudar para a ordem dos advogados por John Todd Stuart, advogado em Springfield, capital do estado de Illinois. Lincoln, escrevendo na terceira pessoa, descreveu mais tarde como isso foi arranjado: “Ele pediu emprestado livros de Stuart, levou-os para casa e atacou-os resolutamente. Ele não estudava com ninguém. E ainda lidava com topografia para se alimentar e se vestir. Quando o Legislativo se reunia, os livros de Direito eram deixados de lado, mas retomados ao final da sessão.”

Depois de receber sua licença para advogar dois anos mais tarde, Lincoln tornou-se sócio júnior de Stuart, mudando-se para Springfield em 1837. Logo depois, Stuart foi eleito para o Congresso dos EUA e enviado para Washington, DC, deixando Lincoln para dirigir o escritório e aprender a prática da advocacia por si mesmo. Poucos anos mais tarde, Lincoln entrou para o escritório de Stephen T. Logan,

chefe da Ordem dos Advogados em Springfield. O preparo de Lincoln em Direito era limitado, lembrou mais tarde Logan, “mas ele pegava um caso e tentava saber tudo que fosse relacionado com ele e, dessa forma, antes de deixar essas paragens, tornou-se um advogado formidável”.

### **Lincoln apaixonado**

Os amigos e parentes de Lincoln pareciam concordar que ele nunca demonstrou muito interesse pelas meninas em sua juventude, mas quando chegou a Nova Salem, apaixonou-se pela filha do gerente da taverna, Ann Rutledge. Pouco depois de terem ficado noivos, ela foi acometida de meningite, a chamada “febre cerebral”, e morreu em poucas semanas. A mãe de Lincoln também havia morrido de repente quando ele tinha 9 anos. Essas mortes podem ter contribuído para o turbilhão emocional que Lincoln sofreu então. Os amigos, alarmados, temiam que seu luto e melancolia excessivos pudessem resultar em suicídio.

Mas devagarinho Lincoln se recuperou e, pouco mais de um

Lincoln cumpriu um mandato no Congresso dos EUA, tomando posse em dezembro de 1847. Essa ilustração de Washington, DC, naquela época mostra o Capitólio (sua cúpula foi construída mais tarde e terminada durante a Presidência de Lincoln) e o Monumento Washington à distância (então em construção; com sua altura exagerada no quadro). A Avenida Pensilvânia, caminho para a Casa Branca, estende-se à direita do Capitólio

ano depois, envolveu-se com outro namoro, dessa vez com Mary Owens, mulher refinada e bem-educada de uma família rica de Kentucky. Sabemos por cartas deixadas que, tendo se envolvido até o ponto de noivado, Lincoln decidiu que não amava Mary Owens e quis evitar o casamento, convencendo-a de que ele não era merecedor. Quando ela se mostrou evasiva, ele finalmente se sentiu na obrigação de lhe propor casamento e, para sua surpresa e humilhação, ela o rechaçou. Ele confessou a um confidente: “Outros foram feitos de tolo pelas jovens; mas isso nunca pode ser dito de mim. Neste caso, eu mesmo, definitivamente, me coloquei nessa posição.”

Menos de um ano mais tarde, envolveu-se com outra beldade de Kentucky, essa com educação ainda mais aprimorada, mais refinada e de família mais rica — Mary Todd de Lexington. Ela tinha muitos pretendentes, mas por razões obscuras, interessou-se por Lincoln. Ele decidiu novamente, a seu devido tempo, que não amava Mary Todd e, atraído por outra pessoa, queria por fim à relação, mas novamente, as coisas não eram tão simples.

Seguiu-se outro episódio de melancolia. Lincoln escreveu a seu sócio advogado em Washington: “Sou agora o homem mais desgraçado desta vida. Se o que eu sinto fosse distribuído igualmente para toda a humanidade, não haveria uma única face alegre sobre a face da terra.” Lincoln disse a seu colega de quarto, Joshua Speed, que não tinha medo da morte, mas “que não havia feito nada para que qualquer ser humano se lembrasse que ele tinha vivido”. Lincoln lembrou essa observação 23 anos depois na Casa Branca quando contou a Speed que, por ter sido autor da Proclamação da Emancipação (libertando os escravos afro-americanos da Confederação rebelde), ele imaginava que finalmente havia feito algo para ser lembrado.

Com o tempo, Lincoln recuperou-se e ele e Mary Todd reataram. Em 4 de novembro de 1842, para surpresa de seus parentes e amigos mais próximos, anunciaram que se casariam no mesmo dia. Que eles não formavam um par perfeito já era sabido de seus amigos antes do casamento, e suas diferenças de criação e expectativas logo se fizeram sentir. Lincoln não sabia nada sobre aparências e sutilezas do trato nem se importava com elas, mas sua nova esposa sim, e ela tinha dificuldade em controlar seu temperamento

inconstante quando discordavam. Criada em família sulista aristocrática, em que escravos realizavam as tarefas servis, a nova sra. Lincoln não se adequava à vida de dona de casa de classe média. A carreira política e jurídica de Lincoln exigia muitas viagens. O tempo passado fora de casa — às vezes durante semanas — somente aprofundava as dificuldades domésticas. Mas a adoração dedicada aos filhos pelo casal ajudou a criar uma ligação duradoura que estabeleceu as bases da família em formação.

### Como membro do Congresso

Na época de seu casamento, Lincoln desistiu de concorrer ao quinto mandato para o Legislativo estadual e começou a almejar a eleição para o Congresso dos EUA. Quando finalmente conseguiu e tomou posse na Câmara dos Deputados em dezembro de 1847, a Guerra Mexicana chegava a uma conclusão vitoriosa, e Lincoln não perdeu tempo em unir-se a outros membros do Partido Whig para atacar o presidente James K. Polk por desobedecer a constituição e provocar uma guerra injusta com a finalidade de adquirir novo território. Isso rendeu a Lincoln muitas críticas em sua terra natal, onde a guerra era muito popular.

Ao mesmo tempo que Lincoln contrariou seus eleitores democratas pró-guerra por uma questão de princípios, ele ofendeu seus companheiros do Partido Whig com seu pragmatismo. Embora muitos membros importantes do Partido Whig preferissem a figura principal do seu partido, Henry Clay, para concorrer à Presidência em 1848, Lincoln, ao contrário, apoiava o herói da guerra, o general Zachary Taylor. Taylor não tinha histórico político ou conexões partidárias, mas

Lincoln argumentava que o partido havia perdido muitas eleições e necessitava, acima de tudo, ganhar. Ironicamente, quando terminou o mandato de Lincoln no Congresso, Taylor, que saiu vencedor, ignorou suas recomendações para nomeações do governo e negou a Lincoln aquela que ele desejava: chefe do Escritório Geral de Terras.

Quando sua breve carreira de congressista terminou, Lincoln voltou a Illinois, com sua ambição política frustrada e sem ver premiado seu desempenho ativo em prol de seu partido.

“Após o retorno do Congresso”, Lincoln escreveria mais tarde na terceira pessoa que “ele voltou à prática da advocacia com maior entusiasmo do que nunca”. Ao dar mais atenção à sua carreira jurídica, as habilidades e a reputação de Lincoln como advogado cresceram, e seu escritório ganhou posição proeminente nos tribunais de Illinois. Ele estava “perdendo interesse pela política”, disse sobre esse período, e se interessando por outras atividades intelectuais, como o conhecimento da geometria euclidiana.

Mas como a questão da escravidão se intensificou nos anos 1850, a antiga afinidade de Lincoln pela controvérsia política ressurgiu inesperadamente. “Em 1854”, ele escreveu que “sua profissão quase havia sobrepujado as ideias sobre política em sua mente, quando a revogação do Compromisso do Missouri estimulou de forma inédita”.

---

Douglas L. Wilson é co-diretor do Centro de Estudos Lincoln da Faculdade Knox e autor de *Lincoln Before Washington: New Perspectives on the Illinois Years* [*Lincoln antes de Washington: Novas Perspectivas sobre os Anos em Illinois*].

# Trajetória para a Casa Branca: Abraham Lincoln a partir de 1854

MICHAEL JAY FRIEDMAN



Abraham Lincoln em pôster da campanha eleitoral de 1860 para presidente

**E**m 1854, Abraham Lincoln poderia ser perdoado por acreditar que sua carreira política chegara ao fim. Lincoln havia garantido a indicação de seu partido no Congresso em parte por prometer cumprir apenas um mandato, permitindo assim que outros membros do Partido Whig local tivessem a

“Eu, por acaso, ocupo temporariamente esta grande Casa Branca. Sou uma prova viva de que qualquer um dos seus filhos pode almejar estar aqui, como almejou o filho de meu pai.”

oportunidade de concorrer. Lincoln acabou se arrependendo da promessa, avisando a seu sócio no escritório de advocacia, William Herndon, que “caso ninguém mais queira ser eleito, não poderei recusar ao povo o direito de me eleger novamente”. Lincoln gostou dos dois anos que passou em Washington e começou a ficar conhecido como adversário da Guerra do México, mas não houve grande clamor público para que continuasse na política. Desapontado, voltou para Springfield e começou a retomar sua carreira jurídica.

Mas o ano de 1854 também viu novas fissuras nos delicados acordos regionais sobre a escravidão. Cada vez mais, o Norte livre e o Sul escravista viam os costumes e as práticas de cada um como ameaça mortal ao seu próprio estilo de vida. Lincoln foi atraído por esse debate, o que acabou por levá-lo gradualmente de

volta à vida pública. Tenha Lincoln se aproveitado dos acontecimentos ou, ao contrário, tenham os acontecimentos o impulsionado, não há muita dúvida quanto à boa sorte da nação: naquela época de grande necessidade, os Estados Unidos encontraram seu líder maior.

### Trabalho livre

Abraham Lincoln sempre defendeu o “trabalho livre”, o princípio de que o homem — e na época de Lincoln isso significava somente pessoas do sexo masculino — poderia trabalhar como e onde quisesse, acumular bens em seu próprio nome e, mais importante, poderia prosperar livremente o tanto quanto seus talentos e habilidades o permitissem. O próprio Lincoln era um exemplo do homem que se fez sozinho. Como escreveu em 1854:

*A classe de empregados contratados não é permanente entre nós. Há 25 anos, eu era um empregado*



A Casa Branca, fotografada pouco antes de Lincoln assumir a Presidência



*contratado. O empregado contratado de ontem hoje trabalha por conta própria; e contratará outros para trabalhar para ele amanhã. Progresso — melhoria das condições — é a ordem das coisas em uma sociedade de iguais.*

Assim como muitos nortistas, Lincoln acreditava que o trabalho livre era econômica e moralmente superior à alternativa escravista do Sul. O trabalho livre, afirmou:

*tem a inspiração da esperança; na escravidão pura não há esperança. O poder da esperança no esforço e na felicidade humana é maravilhoso. O próprio escravo mestre tem uma concepção a respeito. ... O escravo a quem você não consegue obrigar*

*com o chicote a quebrar 28 quilos de cânhamo em um dia, se lhe for dada a tarefa de quebrar 37 e a promessa de pagamento pela quantidade que quebrar a mais, ele quebrará 56. Você substituiu o açoite pela esperança.*

Lincoln acreditava que, com o tempo, a escravidão se mostraria economicamente insustentável, mas entendia também que, no curto prazo, os assalariados não poderiam — e realmente não poderiam — competir com os trabalhadores escravos. Junto com muitos outros americanos, Lincoln chegou a duas conclusões políticas: confinada a esses redutos do Sul, a escravidão desapareceria; mas caso se alastrasse para outros territórios, poderia tomar

o lugar dos trabalhadores livres e ganhar novo fôlego.

### **O acordo fracassa**

À medida que a jovem nação se expandia para o Oeste, os termos em que os novos estados seriam admitidos na União, ou seja, como estados “escravistas” ou “livres”, passaram a ter importância decisiva. A questão surgiu entre 1820 e 1821, com o pedido para que o Missouri fosse elevado à categoria de estado. Thomas Jefferson comparou a tensão regional a “uma bola de fogo em plena noite”. A situação só se acalmou por meio de um grande acordo pelo qual o Congresso admitiu o Missouri como estado escravista, o Maine como estado livre e proibiu a escravidão



Lincoln fala para uma plateia de Charleston, Illinois, durante o primeiro debate Lincoln-Douglas

em todos os territórios criados com a Compra da Louisiana ao norte do paralelo 36° 30', na fronteira sul com o Missouri. Com a aquisição de novos territórios que pertenciam ao México, o "Compromisso de 1850", cuidadosamente elaborado, compensou a admissão da Califórnia livre com uma nova Lei do Escravo Fugitivo que obrigava os tribunais do Norte a determinar a captura e a devolução de escravos que haviam fugido para o Norte em busca de liberdade.

Enquanto isso, Stephen A. Douglas, democrata e senador dos Estados Unidos por Illinois, estado

de Lincoln, apresentou uma nova fórmula para superar a cisão regional. Pela doutrina da "soberania popular" de Douglas, os territórios do Oeste integrariam a União como estados livres ou escravistas de acordo com o desejo de seus habitantes. Em 1854, a Lei Kansas-Nebraska rejeitou a linha do paralelo 36° 30' do Compromisso do Missouri e determinou a organização dos territórios de Nebraska e do Kansas segundo as regras da soberania popular.

Muitos nortistas viram esses desdobramentos com um misto de raiva e medo. Uma coisa era admitir que a escravidão ficasse limitada ao Sul, outra completamente diferente era assistir a uma turba em favor da escravidão assassinar um editor abolicionista em Alton, Illinois — território livre —, e destruir sua gráfica; ser testemunha de forças a favor e contra a escravidão em conflito aberto no que em breve se tornaria conhecido como o Kansas Sangrento; cruzar os braços enquanto proprietários de escravos desfrutavam de seus direitos da Lei do Escravo Fugitivo em pleno coração do Norte. Não só os nortistas foram forçados a enfrentar cada vez com mais firmeza a imoralidade da escravidão, como as crenças no trabalho livre subjacentes à grande parte da vida no Norte pareciam sob ataque direto.

Lincoln declarou-se "surpreso" e "pasmado" com a aprovação da Lei Kansas-Nebraska. Com discursos inflamados em 1854 em Springfield e Peoria, Illinois, despontou como principal adversário dessa lei e de Douglas: ele entendia que os "pais da Revolução" haviam considerado politicamente necessário aceitar a escravidão nos estados do Sul, mas a "restringiram e confinaram aos mais estreitos limites da necessidade". Na verdade, os autores da Constituição

usaram todo tipo de eufemismo para evitar até mesmo a palavra escravidão: "A coisa está oculta, (...) da mesma forma que um homem doente esconde um tumor ou um câncer, o qual não tem coragem de extirpar de uma vez, pois poderia sangrar até a morte; com a promessa, contudo, de que a extirpação possa começar no final de um determinado período."

Nos dois anos e meio seguintes, Lincoln ajudou a criar o novo Partido Republicano em Illinois. Com as diferenças regionais se aprofundando, o Partido Whig de Lincoln entrou em colapso, incapaz de camuflar as diferenças entre suas alas do Norte e do Sul. Os republicanos, ao contrário, eram mais explicitamente regionais e antiescravistas. Alguns democratas do Norte, mas não Stephen Douglas, uniram-se aos republicanos. Os esforços de Lincoln em prol de seu novo partido lhe renderam valioso capital político para o futuro, mas por ora ele concentrava-se em seu trabalho de advogado.

### Uma casa dividida

Em março de 1857, a altamente criticada decisão *Dred Scott* da Suprema Corte dos EUA inflamou ainda mais as tensões regionais. Scott, escravo afro-americano cujo dono o havia levado para o território livre de Wisconsin e depois de volta ao Missouri, abriu uma ação em defesa da sua liberdade, argumentando que o período de sua residência em Wisconsin o tornara um homem livre. A Suprema Corte determinou o contrário, e a abrangência (desnecessária, segundo muitos) da decisão aumentou os temores do Norte. O Congresso, conforme sustentou a maioria dos juízes, não tinha autoridade constitucional para proibir a escravidão nos territórios. A linha do paralelo 36° 30' (ainda

em vigor quando o caso começou) era, portanto, inconstitucional, e a escravidão era admissível em todos os territórios, a despeito da Lei Kansas-Nebraska. O presidente da Suprema Corte, Roger B. Taney, sustentou ainda que os afro-americanos não eram cidadãos dos EUA, estavam excluídos das proteções tanto da Declaração da Independência quanto da Constituição e não tinham “nenhum direito que o homem branco devesse respeitar”. Dred Scott, portanto, não poderia sequer abrir um processo em tribunal federal.

Grande parte do Norte reagiu com indignação. O jornal *Chicago Tribune* predisse sem rodeios que a decisão obrigaria os estados livres a aceitar a escravidão e que Chicago, a maior cidade de Illinois, iria virar um mercado de escravos contra a sua vontade. Lincoln temia que a Suprema Corte impedisse em seguida os estados de proibir a escravidão. Ele resolveu concorrer nas eleições de 1858 contra o senador Douglas, que havia endossado a

decisão *Dred Scott*. Lincoln aceitou a indicação republicana com seu famoso discurso “Casa Dividida”:

*Uma casa dividida contra si mesma não pode subsistir.*

*Acredito que este governo não pode suportar para sempre ser meio escravo e meio livre.*

*Não espero que a União seja dissolvida — não espero que a casa caia — mas realmente espero que não haja mais divisão.*

*Ela se tornará totalmente uma coisa ou totalmente a outra.*

*Ou os adversários da escravidão, vão ... colocá-la onde a opinião pública enferrujará na crença de que ela está a caminho da extinção; ou seus defensores a impulsionarão até que ela se torne legal em todos os estados, antigos e novos — do Norte e do Sul.*

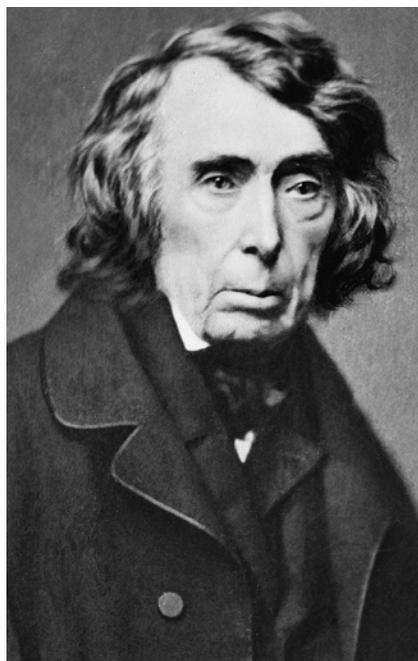
O *New York Times* rapidamente declarou a disputa Lincoln-Douglas “o campo de batalha política mais interessante da União”.

Lincoln desafiou Douglas para uma série de sete debates em diferentes partes de Illinois. Juntos, esses debates entre Lincoln e Douglas surgiram como um momento icônico da democracia americana. Os cidadãos convergiram para as cidades grandes e pequenas, de Freeport a Jonesboro, de Galesburg a Alton. Chegavam a cavalo, de barco ou simplesmente andavam quilômetros para ver os dois defensores discorrerem sobre a maior cisão da história do país. O contraste entre os candidatos era nítido.

Douglas vestia-se com apuro e tinha um discurso rebuscado — o retrato da sofisticação. Lincoln era desajeitado, muito menos requintado na aparência e nos modos. Mas o advogado do interior marcou pontos importantes, não deixando Douglas escapar da contradição entre a soberania popular e a decisão *Dred Scott*, que impedia os colonos antiescravistas de proibir a escravidão em seus territórios. No último debate, Lincoln apresentou de forma memorável o debate como um conflito

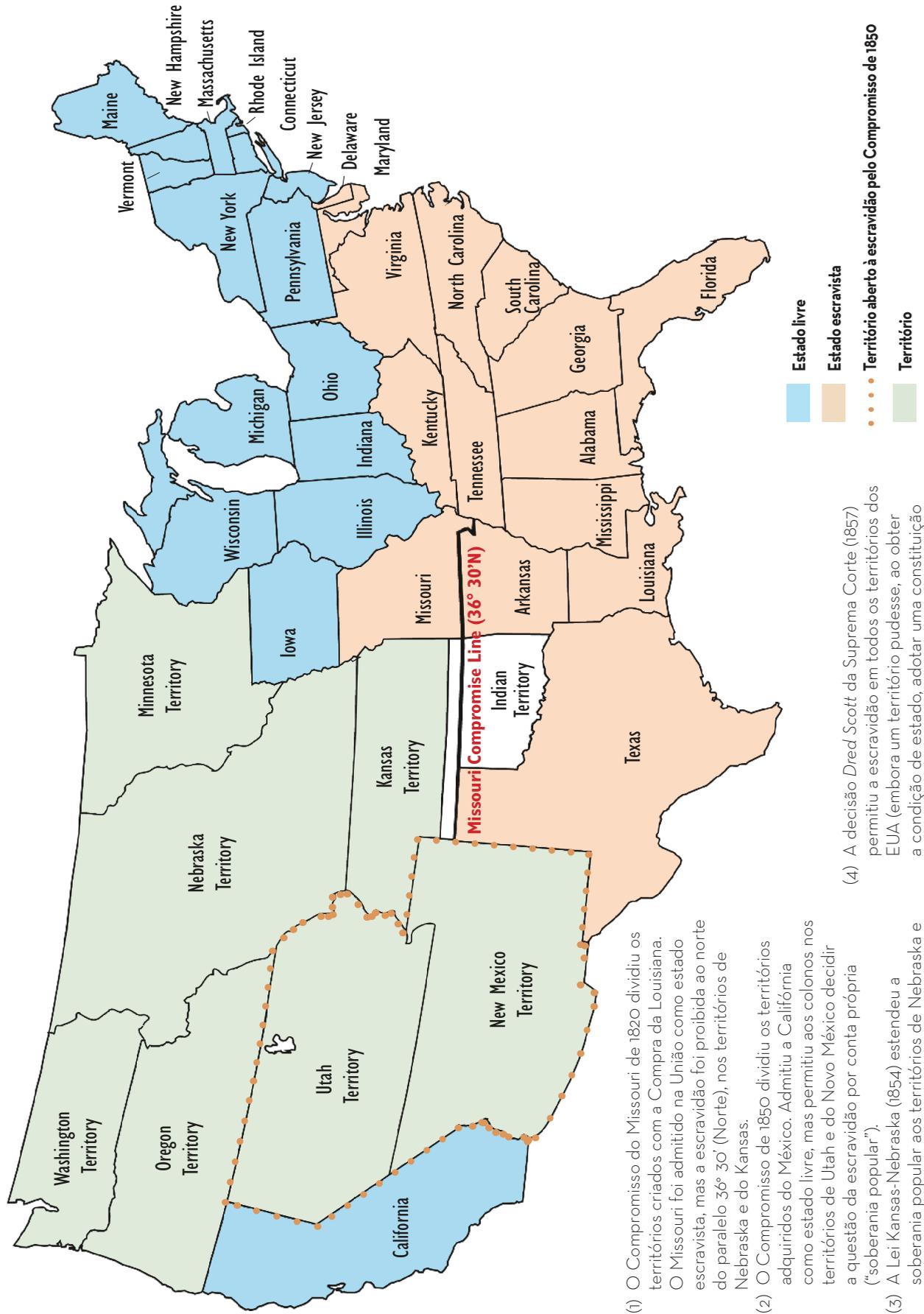
*entre um grupo que considera a instituição da escravidão um erro e outro grupo que não a considera um erro. (...) Essa é a questão que continuará neste país quando estas pobres bocas, do juiz Douglas e a minha, forem silenciadas. É a eterna luta entre estes dois princípios — o certo e o errado — no mundo todo. São os dois princípios que se confrontam desde o início dos tempos; e permanecerão em luta eternamente. Um é o direito comum da humanidade, e o outro o direito divino dos reis.*

Naquela época, os senadores dos Estados Unidos não eram eleitos pelo voto direto e sim escolhidos pelas legislaturas estaduais. Quando os votos foram contados naquela eleição, Douglas venceu por 54 votos contra



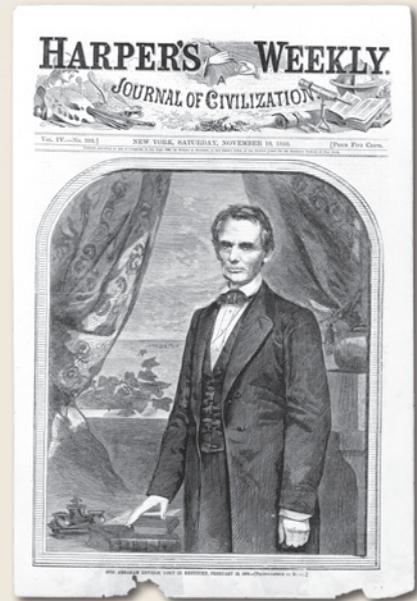
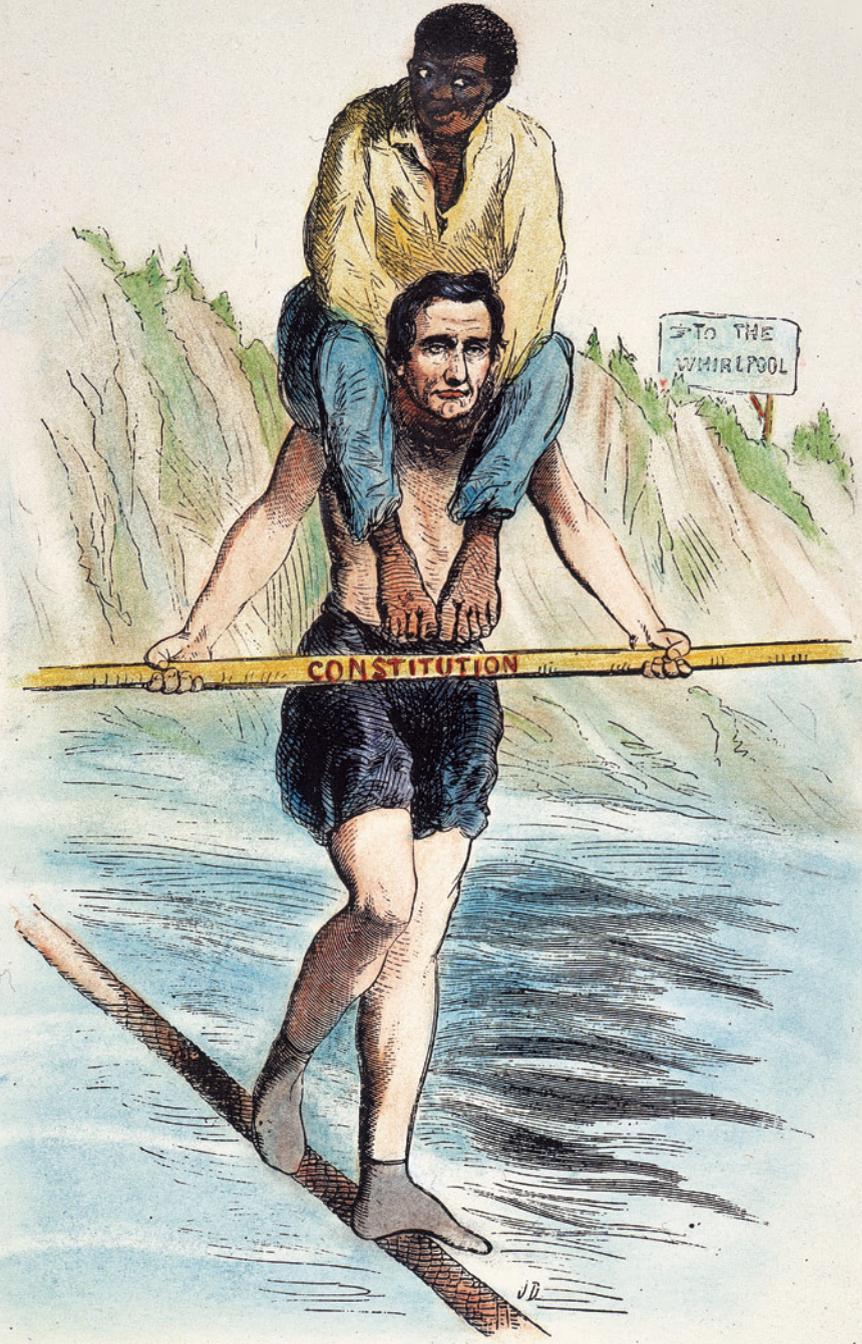
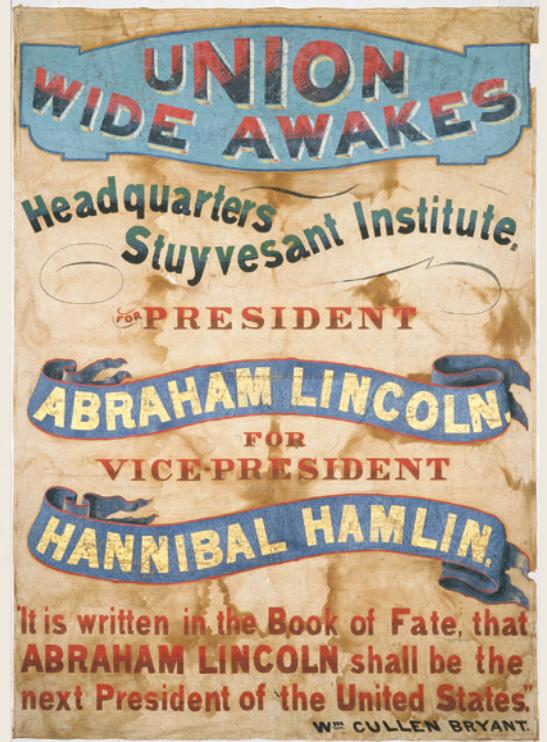
O presidente da Suprema Corte, Roger B. Taney (à direita), determinou que Dred Scott (à esquerda) não era cidadão americano, o que contribuiu para lançar o país na guerra civil

# A AMEAÇA AO TRABALHO LIVRE (1857)



- (1) O Compromisso do Missouri de 1820 dividiu os territórios criados com a Compra da Louisiana. O Missouri foi admitido na União como estado escravista, mas a escravidão foi proibida ao norte do paralelo 36° 30' (Norte), nos territórios de Nebraska e do Kansas.
- (2) O Compromisso de 1850 dividiu os territórios adquiridos do México. Admitiu a Califórnia como estado livre, mas permitiu aos colonos nos territórios de Utah e do Novo México decidir a questão da escravidão por conta própria ("soberania popular").
- (3) A Lei Kansas-Nebraska (1854) estendeu a soberania popular aos territórios de Nebraska e do Kansas.

(4) A decisão *Dred Scott* da Suprema Corte (1857) permitiu a escravidão em todos os territórios dos EUA (embora um território pudesse, ao obter a condição de estado, adotar uma constituição proibindo a escravidão).



Em cima à esquerda: os três principais candidatos a presidente em 1860: Lincoln, John C. Breckenridge e Stephen A. Douglas. Em cima à direita: pôster da campanha republicana em 1860. Em cima: em 1860, a imprensa nacional percebeu que Lincoln ganhava cada vez mais estatura política. À esquerda: caricatura mostra Lincoln como um equilibrista atravessando as Cataratas do Niágara carregando um negro nos ombros e usando a Constituição dos EUA como vara de equilíbrio

**THE COMING MAN'S PRESIDENTIAL CAREER, à la BLONDIN.**  
Morro.—Don't Give up the Ship.



46 para Lincoln. Mas o esforço de Lincoln contra uma das figuras mais importantes do Senado foi notado por muitos. E Lincoln também não queria abandonar o campo de batalha. Como disse a um amigo: “A luta deve continuar. A causa da liberdade civil não pode se render ao fim de uma ou mesmo cem derrotas.”

### A caminho da Casa Branca

Durante o ano de 1859, Lincoln visitou vários estados do Meio Oeste, discursando contra a doutrina da soberania popular de Douglas e alertando contra a disseminação da escravidão. Mesmo tendo poucas chances, provavelmente já pensava em concorrer à Presidência: autorizou a compilação e a publicação de seus debates com Douglas e, em dezembro

de 1859, começou a preparar sua autobiografia.

Em fevereiro de 1860, Lincoln foi a Nova York, principal cidade do país, especialmente para se reunir e falar com os líderes civis e financeiros com grande influência na indicação do candidato presidencial pelo Partido Republicano. Muitos dos que se reuniram na Cooper Union esperavam ver um caipira do Meio Oeste rude e despreparado. A princípio, não se decepcionaram. Um deles assim descreveu Lincoln:

*la figura longilínea e deselegante, sobre a qual estavam penduradas roupas que, embora recém-adquiridas para a viagem, eram evidentemente resultado do trabalho de um alfaiate inábil; os pés grandes;*

O candidato a presidente Lincoln (de terno branco à direita da porta de entrada de sua casa em Springfield) com simpatizantes locais em agosto de 1860

*as mãos desajeitadas (...) a cabeça comprida e macilenta coberta por uma cabeleira que parecia não ter sido penteada faziam dele uma figura que não combinava com a concepção de Nova York de um estadista completo.*

Mas aí, Lincoln começou a falar. Com palavras cuidadosamente medidas para garantir à plateia que não era um radical, Lincoln demonstrou de forma definitiva que a maioria dos signatários da Constituição dos EUA acreditava que o governo federal poderia, sim, proibir a escravidão nos territórios.

Os verdadeiros radicais, ao contrário, eram os sulistas, que ameaçavam com a secessão se a interpretação deles não fosse aceita: “O propósito de vocês, portanto, abertamente declarado, é destruir o governo, a menos que lhes seja permitido interpretar e aplicar a Constituição ao seu bel prazer, em todos os pontos que estão em disputa entre vocês e nós. Seja como for, governarão ou causarão a destruição.” Lincoln conclamou os nortistas a restringir a escravidão aos estados onde ela já existia e a se opor fervorosamente à sua expansão para outros territórios nacionais.

O discurso na Cooper Union foi extremamente bem recebido. Vários jornais de Nova York publicaram o texto na íntegra. Um jornalista proclamou Lincoln “o homem mais

importante desde o apóstolo Paulo”. Horace Greeley, editor do influente New York Tribune, considerou-o “um orador por natureza”. E o próprio Lincoln, em conversa com um amigo sobre uma possível candidatura a presidente, admitiu que “o sabor está um pouco na minha boca”.

Muitos republicanos acharam que o poderoso William Seward, de Nova York, conseguiria a indicação do partido para candidato a presidente. Mas Seward era fraco em estados cruciais como Pensilvânia, Indiana e Illinois, nos quais um candidato do Meio Oeste teria mais apelo. Se Seward não conseguisse a indicação na primeira votação, os republicanos até que poderiam buscar um candidato de

um desses estados. “Meu nome é novo no cenário, e creio que não sou a primeira escolha da grande maioria”, explicou Lincoln. “Nossa política, contudo, é não ofender os outros — deixá-los sentir que é o momento de nos procurar, se forem obrigados a abrir mão do seu primeiro amor.” Essa análise se mostrou correta. Seward não obteve votos suficientes na primeira votação, e sua candidatura perdeu fôlego à medida que os estados do Meio Oeste mudavam seus votos para Lincoln, garantindo-lhe a indicação na terceira votação.

O candidato republicano tinha vantagens reais nas eleições gerais de 1860. Assim como o agora dissolvido Whig, o Partido Democrata estava dilacerado por suas próprias divisões regionais. As alas do Norte e do Sul do partido indicaram candidatos rivais, permitindo a Lincoln, que obteve menos de 40% dos votos populares em uma eleição com quatro candidatos, conseguir a maioria dos votos no Colégio Eleitoral e, assim, a Presidência.

O Sul não aceitaria Lincoln na Presidência. Como ele mesmo disse mais tarde: “a guerra chegou”. Só então a nação testemunharia de fato a sabedoria, a força e, ao final, a magnanimidade do homem que escolheu durante sua pior provação.

Michael Jay Friedman é chefe de Publicações Impressas no Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA. É PhD em história política e diplomática dos EUA.

---

Michael Jay Friedman é chefe de Publicações Impressas no Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA. É PhD em história política e diplomática dos EUA.



O presidente da Suprema Corte, Roger B. Taney, toma o juramento de posse do novo presidente, 4 de março de 1861

# Lincoln de Cara Nova

MEGHAN LOFTUS

Os bilhões de moedas de um centavo de dólar a serem produzidos em 2009 estão passando por uma remodelação. A Comissão do Bicentenário de Abraham Lincoln (ALBC) e a Casa da Moeda dos EUA recentemente divulgaram quatro novos desenhos do reverso da moeda de um centavo para celebrar o 200º aniversário de Lincoln.

As novas moedas serão lançadas periodicamente ao longo do ano. O anverso, ou “cara”, permanecerá o mesmo: o perfil de Lincoln desenhado por Victor David Brenner aparece na parte frontal da moeda de um centavo desde o centenário do nascimento de Lincoln em 1909. O reverso, ou “coroa”, foi redesenhado duas vezes desde então. Mas em 2009 o desenho mudará quatro vezes para representar quatro períodos da vida de Lincoln: a infância em Kentucky, a juventude em Indiana, a carreira como advogado e legislador em Illinois e o período como presidente em Washington, DC.

O Congresso dos EUA, único órgão habilitado a autorizar mudanças nas moedas, aprovou legislação para o novo desenho em 2005. Escultores-entalhadores apresentaram desenhos para as moedas de um centavo à Casa da Moeda dos EUA por meio do Programa de Infusão Artística, um grupo de artistas externos contratados pela Casa da Moeda. Os desenhos foram analisados pela ALBC, pelo Comitê Consultivo de Cidadãos sobre Moedas e pela Comissão Americana de Belas-Artes. O secretário do Tesouro, Henry Paulson, analisou as recomendações e selecionou os desenhos finais.

A representação de uma cabana de madeira de Richard Masters foi um dos desenhos selecionados pelo secretário Paulson para a série. Quando criança, Masters

era aficionado por moedas e também colecionava moedas para os lobinhos enquanto se esforçava por uma medalha de mérito. Mas nunca se imaginou como um projetista de moedas, muito menos projetista-mestre do Programa de Infusão Artística, o que ele é hoje.

Masters também não pensava no processo do desenho quando criança, acreditava que as representações nas moedas simplesmente apareciam como mágica. Lembra-se de imaginar que “alguém, em algum lugar, decidia o que colocar nelas”.

Décadas mais tarde, ele é esse alguém. Masters usou a narrativa histórica fornecida pela Comissão do Bicentenário de Abraham Lincoln como ponto de partida para criar a imagem ilustrando o nascimento e a infância de Lincoln em Kentucky. “Achei que [a cabana de madeira] seria uma imagem que a maioria dos americanos reconheceria”, disse Masters, que também é professor associado de Arte na Universidade de Wisconsin-Oshkosh.

A escala foi uma das partes mais difíceis do desenho. A visão do artista provavelmente terá de ser encolhida para caber no pequeno diâmetro de uma moeda. “O desafio aqui era realmente ficar focado no elemento primário”, diz Masters.

Ainda assim, outras mudanças deverão ocorrer. O Congresso estabeleceu que, no início de 2010, o reverso da moeda de um centavo exiba uma representação, ainda a ser determinada, da “preservação dos Estados Unidos da América como um país único e unido” segundo Lincoln.

---

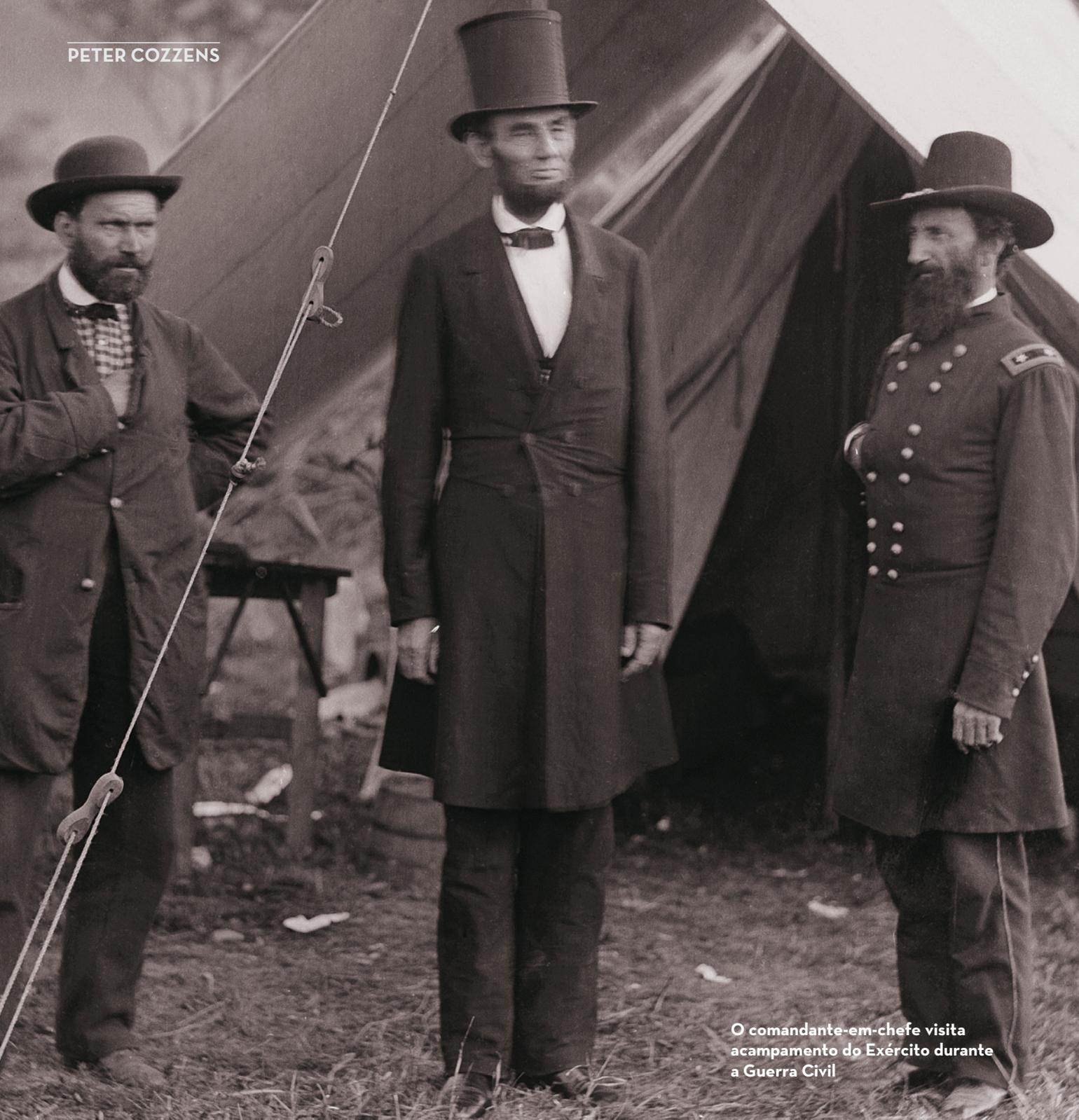
Meghan Loftus é estagiária no Bureau de Programas de Informações Internacionais.



Em 2009, a Casa da Moeda dos EUA lançará quatro moedas de um centavo do Bicentenário de Lincoln. O anverso da moeda permanecerá inalterado, mas o reverso exibirá cenas da vida de Lincoln

# Lincoln, o Comandante-em-Chefe

PETER COZZENS



O comandante-em-chefe visita  
acampamento do Exército durante  
a Guerra Civil

**P**erto do fim da Guerra Civil, uma visita militar de alta patente à Casa Branca informou ao presidente Lincoln que dois de seus generais haviam sido capturados enquanto encontravam-se com amigas fora do acampamento. Com eles, centenas de cavalos e mulas tinham sido levados.

*“Os Estados Unidos nunca serão destruídos de fora para dentro. Se falharmos e perdermos nossas liberdades, será porque nós mesmos nos destruimos.”*

Lincoln respondeu: “Não me importo tanto com os brigadeiros; posso substituí-los. Mas cavalos e mulas custam dinheiro.”

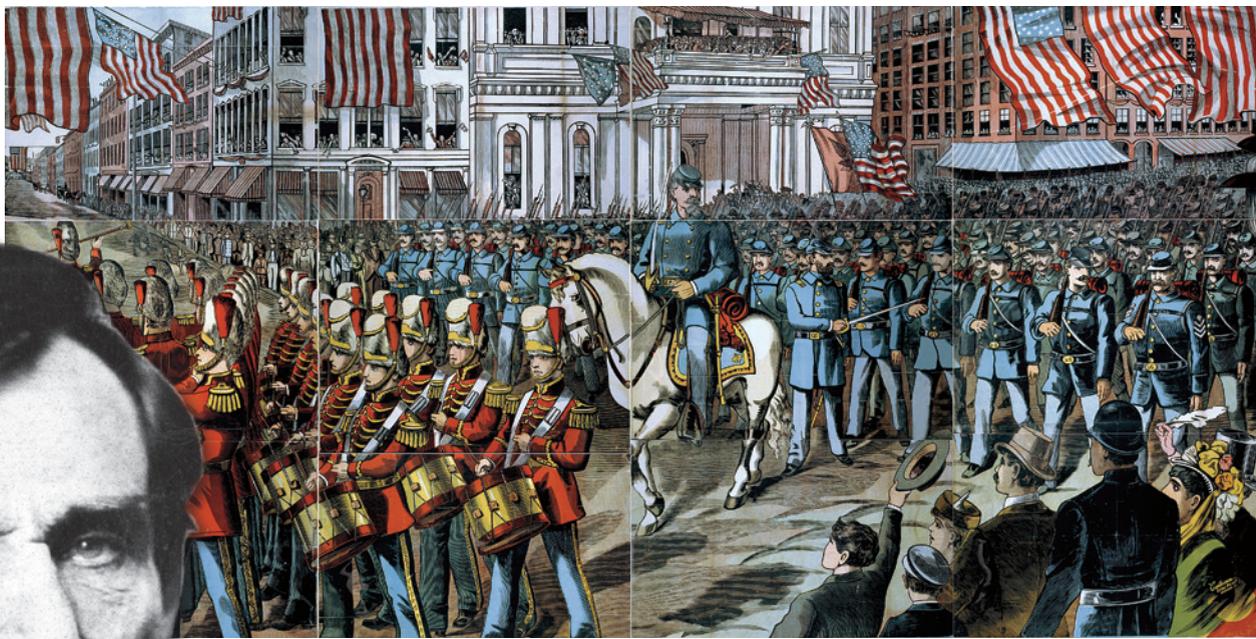
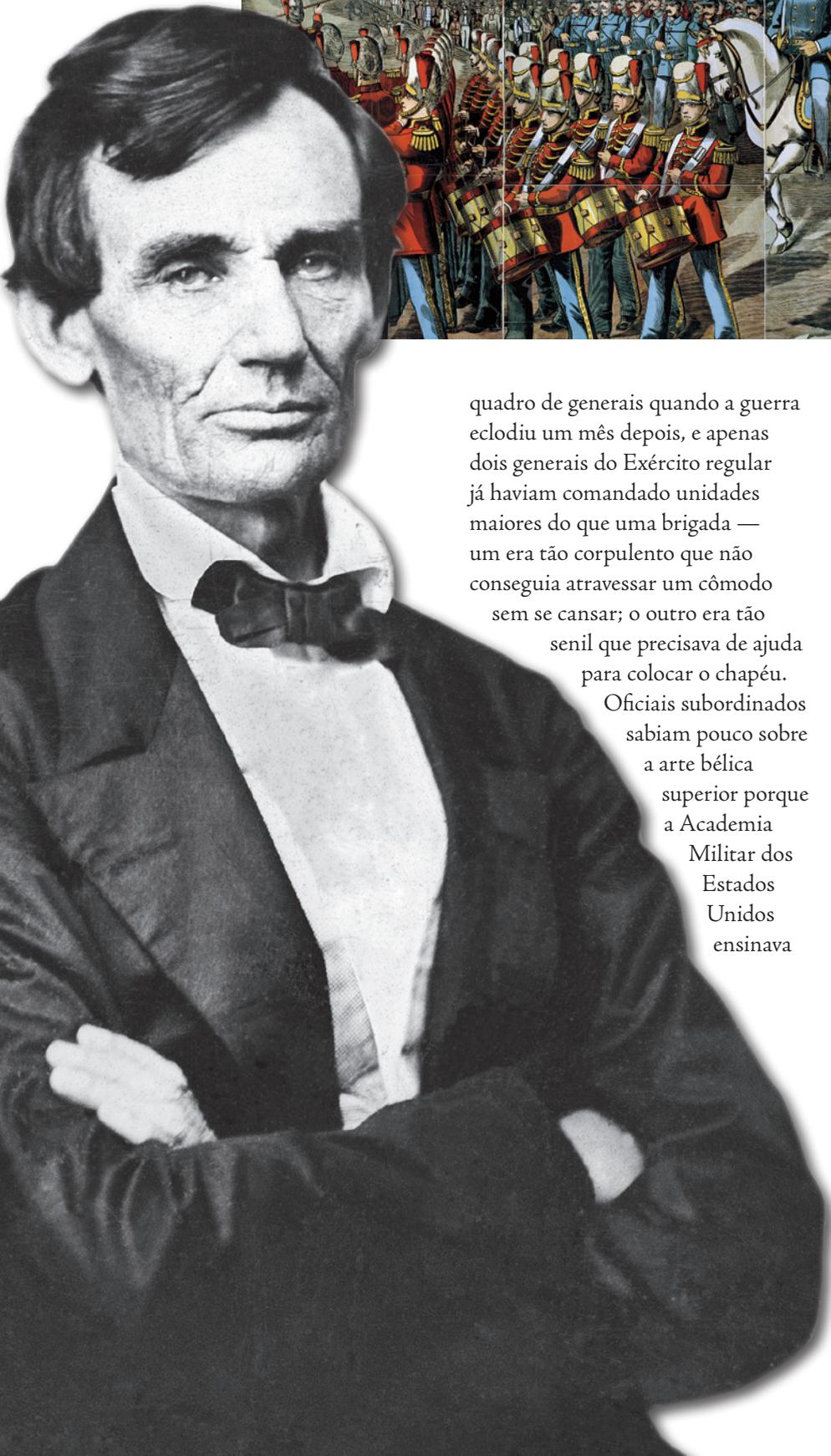
Essa brincadeira carregava um tom amargo, oriundo da frustração de longa data de Lincoln com generais medíocres e do peso de ter tido de administrar o esforço de guerra quase que sozinho por três anos.

A Guerra Civil Americana foi a primeira guerra absolutamente moderna — conflito travado não somente entre exércitos, como há tempos era a tradição de guerra do Ocidente, mas também entre sociedades, seus recursos econômicos e modos de vida.

Abraham Lincoln chegou à Presidência sem qualquer treinamento ou experiência militares, exceto pelo fato de ter sido capitão de milícia em uma guerra menos importante contra os índios três décadas antes. O exército permanente herdado por Lincoln, em março de 1861, totalizava apenas 16 mil homens espalhados em pequenas guarnições da Costa Atlântica à Califórnia. Lincoln não tinha um sistema de comando militar moderno no qual confiasse para buscar conselho ou comunicar suas instruções eficazmente aos comandantes de campo. Também não havia um



Representação de voluntários patriotas do Norte unindo forças após bombardeio do Fort Sumter (no centro, à frente), na Carolina do Sul, pelos Confederados. Embora apareça aqui, a cúpula do Capitólio, na verdade, ainda não estava concluída



quadro de generais quando a guerra eclodiu um mês depois, e apenas dois generais do Exército regular já haviam comandado unidades maiores do que uma brigada — um era tão corpulento que não conseguia atravessar um cômodo sem se cansar; o outro era tão senil que precisava de ajuda para colocar o chapéu.

Oficiais subordinados sabiam pouco sobre a arte bélica superior porque a Academia Militar dos Estados Unidos ensinava

engenharia, matemática e cavalaria às expensas da estratégia.

A rápida expansão do Exército da União no tempo da guerra não resolveu essa crise de liderança. Em menos de um ano, o Exército do Norte aumentou para 600 mil homens, e no fim da guerra havia triplicado para um milhão. Os capitães do Exército regular tornaram-se generais de um dia para o outro. Para unificar o Norte e reunir sua grande população de imigrantes europeus, Lincoln foi obrigado a nomear generais voluntários oriundos da vida civil. A maioria “ganhou” as estrelas devido a influências políticas ou à posição que ocupavam em suas comunidades étnicas (alemães e irlandeses, especialmente), e não devido a algum potencial militar que por ventura possuíam.

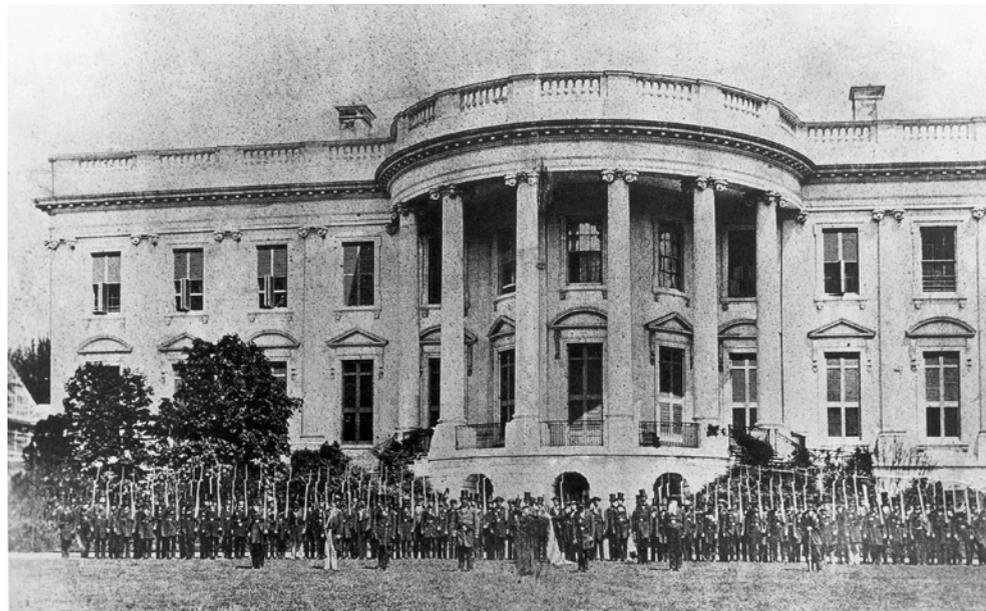
A crise se estendeu para a liderança política do país. Lincoln não tinha o apoio de um gabinete unido. Enquanto os presidentes

Esquerda: Lincoln, candidato a presidente em 1860. Ele envelheceria visivelmente no curso de sua Presidência em tempo de guerra. Acima: soldados da União indo se juntar à Guerra Civil

posteriores tiveram o luxo de nomear subordinados talentosos, mas geralmente cordatos, o costume e a realidade política então existentes exigiam que Lincoln preenchesse seu gabinete com políticos obstinados de proeminência nacional. Entre eles estavam o secretário de Estado, William H. Seward, o qual havia sido derrotado por Lincoln na indicação presidencial republicana em uma surpreendente virada; o secretário do Tesouro, Salmon P. Chase, fundador do Partido Republicano e que se imaginava o futuro presidente; e o secretário da Guerra, Edwin M. Stanton, democrata que havia vencido Lincoln em uma importante ação judicial quando ambos advogavam. Nos primeiros meses do conflito, esses homens todos se consideravam intelectualmente superiores a Lincoln, igualmente, se não mais, capazes de conduzir o navio do Estado por meio das águas traiçoeiras da guerra civil.

### **Desafio dos incompetentes**

Apesar dessas dificuldades, pelo poder da mente e da força de caráter, Lincoln tornou-se um brilhante estrategista, com uma melhor compreensão da natureza e dos objetivos da guerra civil do que qualquer outro na longa linha de generais que comandaram Exércitos da União, não sendo exceção Ulysses S. Grant. Desde o início, Lincoln reconheceu o valor do poder naval avassalador do Norte e o usou de maneira incansável para sufocar a Confederação Sulista, fechando portos do Sul para impedir a exportação de sua única mercadoria de valor internacional — o algodão — e para impedir a importação tão necessária de armas e outros suprimentos de guerra da Europa. Ele também entendeu



Tropas da União se reúnem em frente à Casa Branca

a importância de controlar o Rio Mississippi para dividir o Sul ao meio, assim como a necessidade de exercer pressão em toda a linha estratégica da Confederação Sulista, algo que seus generais provaram ser singularmente incapazes de fazer, até o general Grant assumir o papel de comandante supremo do Exército em fevereiro de 1864. Para frustração constante de Lincoln, seus generais quase sempre fracassavam por completo em impor as grandes vantagens do Norte em mão-de-obra e capacidade industrial.

Lincoln sabia que não podia haver meias medidas, que as questões de união e emancipação nacionais poderiam ser resolvidas somente de modo que nunca pudessem ser reabertas. Isso exigia a total destruição do Exército Confederado e da capacidade do Sul de guerrear.

À medida que a guerra se arrastava, Lincoln livrava o Exército de vários generais políticos incompetentes com grande risco para sua reeleição. Ele procurava somente comandantes que lutassem, e de boa vontade descartava seus julgamentos estratégicos quando acreditava ter encontrado um

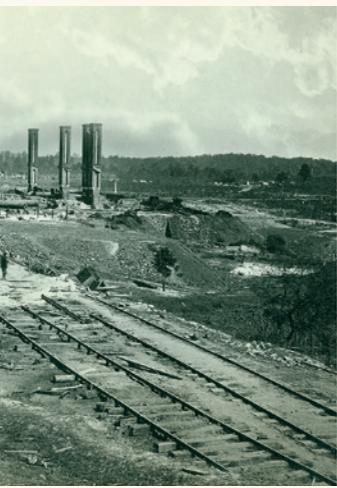
general competente. Mas com muita frequência, ao contrário, encontrava inércia, atraso e desculpas. Ele destituiu o comandante mais popular do primeiro ano e meio da guerra — general-de-brigada George B. McClellan, homem totalmente idolatrado por seus subordinados — porque, segundo Lincoln, ele sofria de “morosidade”. Lincoln mostrava impaciência semelhante, e adequada, com generais que eram tímidos demais para levar avante vitórias no campo de maneira decisiva. Infelizmente para o Norte, todos os comandantes do Exército nos primeiros três anos da guerra mostraram essa falha.

Lincoln também enfrentou um desafio interno à sua autoridade de comandante-em-chefe. Hoje, naturalmente, o princípio de controle civil absoluto sobre os militares é universalmente aceito. Não era assim quando Lincoln tomou posse. Desde a fundação da nação, era aceitável que comandantes do Exército emitissem julgamentos sobre questões políticas — uma marca de insubordinação que foi, comparativamente, inofensiva



A Guerra Civil foi responsável por ceifar a vida de mais americanos do que qualquer outro conflito, exceto a Segunda Guerra Mundial, e seu índice de mortalidade foi muito mais alto. Fileira ao alto, da esquerda para a direita: o general Ulysses S. Grant, em pé atrás do banco, analisa um mapa nas mãos do general George G. Meade; depósito de armas da União, em Yorktown, na Virgínia; forças da União destroem a ferrovia responsável por fornecer as forças do general confederado John Hood; o bombardeio do Fort Sumter, em Charleston, Carolina do Sul, pelos Confederados, gerou os primeiros tiros da guerra. Fileira de baixo, da esquerda para a direita: a Guerra Civil viu a guerra nas trincheiras décadas antes de se tornarem comuns durante a Primeira Guerra Mundial. Na foto, uma trincheira da União, perto de Petersburg, na Virgínia; quatro anos após o início da guerra no Fort Sumter, partes de Charleston estavam em ruínas







Acima: O general George B. McClellan, destituído do comando das forças da União por Lincoln, concorreu sem sucesso contra Lincoln para a Presidência em 1864. À esquerda: o general de combate de Lincoln, Ulysses S. Grant, retratado entre cenas de sua carreira, inclusive a rendição dos Confederados, representada na parte de baixo, ao centro

Lincoln o havia tratado como um pai atencioso trataria um filho que erra.

### Mudança de opinião

Na época da campanha presidencial de 1864, os soldados rasos também terminaram por reconhecer a grandeza da liderança estratégica de Lincoln. A maioria esmagadora votou em Lincoln, garantindo sua vitória sobre George B. McClellan. Após ser dispensado por Lincoln, o general da reserva surgiu como adversário do presidente pelo Partido Democrata e, como defensor da reconciliação seccional, o desafiante mais importante de sua visão política.

O significado dessa mudança na preferência dos militares, de McClellan para Lincoln, não pode ser exagerado. Lincoln havia finalmente encontrado seu general de combate, Ulysses S. Grant, um comandante agressivo que compartilhava da

durante a guerra com o México, mas que poderia ameaçar os alicerces da nação em uma luta pela sobrevivência nacional, como foi a Guerra Civil.

Quando Lincoln destituiu McClellan do comando, vários dos generais subordinados ao comandante no Exército de Potomac consideraram abandonar a batalha contra a Confederação Sulista e em marchar rumo a Washington para depor o presidente. Em abril de 1863, o general-de-brigada Joseph Hooker, comandante daquele Exército difícil,

defendeu a substituição da Presidência por uma ditadura militar. Lincoln respondeu de modo comedido, porém, firme. Após ser destituído do comando por perder a batalha de Chancellorsville contra um inimigo que contava com menos da metade de seus homens, Hooker reconheceu quão contida havia sido a reação do presidente perante suas ameaças políticas e quão prudentes haviam sido os conselhos de Lincoln sobre questões militares. Chorando, disse a seus companheiros generais que



O general confederado Robert E. Lee (à direita) rende-se ao general Ulysses S. Grant em 9 de abril de 1865, no Fórum de Appomattox na Virgínia, pondo fim à Guerra Civil

determinação de seu chefe de fazer valer as vantagens reais do Norte em mão-de-obra e recursos. O Exército de Potomac sofreu aproximadamente 55 mil baixas durante o primeiro mês e meio do período em que Grant foi o comandante supremo do Exército. Vitórias decisivas no Vale de Shenandoah e a tomada de Atlanta, na Geórgia, resultados da visão de Lincoln de pressão incansável sobre toda a linha de frente militar, trouxeram esperança de vitória final.

Mas o Sul não mostrava sinais de rendição. As habilidades superiores de Grant como general e a política de Lincoln de ofensivas simultâneas estavam sendo duramente testadas em um cerco amargo e sem saída das tropas do general Robert E. Lee, em Petersburg, Virgínia. No Teatro Ocidental (Western Theater – como era chamada a área entre os Montes Apalaches e o Rio Mississippi), um enfraquecido mas ainda formidável Exército Confederado andava sem rumo, e a oeste do Mississippi uma força inimiga grande, e praticamente não testada, controlava a Louisiana e o Texas. O triunfo eleitoral de

Lincoln em 1864 representou assim um consenso nacional sobre travar a guerra até o final.

Politicamente seguro como presidente em segundo mandato, Lincoln continuou com a mesma firmeza de propósito que havia mostrado durante seu impopular primeiro mandato. Sua nomeação do confiável Grant como comandante supremo do Exército diminuiu muito a pressão diária sobre Lincoln, que descobriu que podia com segurança passar a Grant a administração diária da guerra. Mas mesmo Grant enfrentava perguntas difíceis de Lincoln, quando o presidente questionava a sabedoria de suas decisões.

### O caminho para a reunificação

Na primeira semana de abril de 1865, a última vitória finalmente estava à vista. Após esmagar quase tudo o que havia restado do outrora aparentemente indestrutível Exército de Lee no norte da Virgínia, o general-de-brigada Philip H. Sheridan telegrafou a Grant: “Se fecharmos o cerco, acho que Lee se entregará.”

Grant entregou a Lincoln a mensagem de Sheridan. O presidente disse a Grant: “Fechemos o cerco.” Foi a última ordem importante de Lincoln e, como muitas de suas ordens, eficiente. Três dias após redigi-la, Lincoln estava morto, vítima da bala de um assassino. Os Estados Unidos haviam perdido seu maior presidente de guerra e um grande estrategista por natureza. Porém, mais do que qualquer outro fator, sua visão estratégica e sua firmeza de propósito venceram a Guerra Civil e colocaram a nação no caminho para a reunificação.

---

Peter Cozzens é funcionário do Serviço de Relações Exteriores e importante historiador militar. É autor premiado de 16 livros sobre a Guerra Civil Americana e as guerras indígenas do Oeste americano.

# Lincoln, o Diplomata

HOWARD JONES



O presidente Abraham  
Lincoln fotografado na  
Casa Branca, 1863

O presidente Abraham Lincoln diplomata? Dificilmente um tópico no topo da lista quando se examina um mandato presidencial que abarcou a Guerra Civil dos EUA. Sua procura por líderes militares, a busca da vitória no campo de batalha, seus julgamentos pessoais, suas dificuldades com os assessores que competiam por influência entre si e até mesmo com

“Quase todos os homens são capazes de suportar adversidades, mas se quiser por à prova o caráter de um homem, dê-lhe poder.”

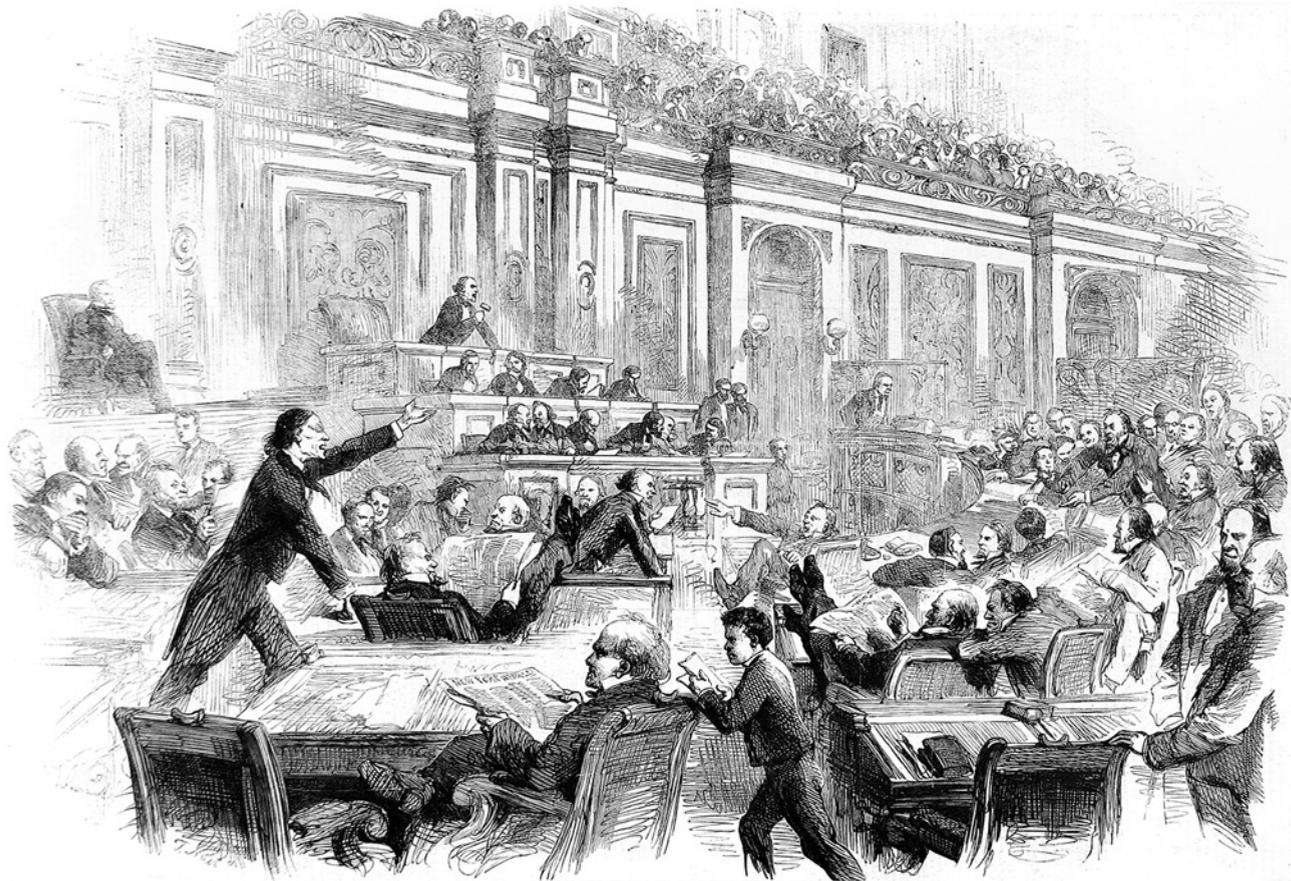
o presidente — esses assuntos despertam mais interesse quando se estuda a nação em guerra consigo mesma de 1861 a 1865.

No entanto, quando declarou que fez a guerra para preservar a União, Lincoln necessariamente também aceitou desafios vindos de fora das fronteiras da nação. Tivesse o Sul rebelde ganhado o reconhecimento diplomático da Inglaterra e de outras nações europeias, em especial durante os 18 primeiros meses cruciais da guerra, os Estados Confederados da América poderiam ter conquistado sua independência. A liderança de Lincoln nessa frente diplomática provou ser tão importante quanto o seu comando das Forças Armadas para garantir a vitória final da União.

Lincoln foi o verdadeiro protótipo de um diplomata. Embora tenha admitido saber pouco ou nada sobre relações exteriores, ele possuía as características comuns aos melhores estadistas: humildade, integridade, sabedoria combinada com bom senso, conduta calma nos tempos mais difíceis e vontade de aprender. Além disso, ele teve a coragem de nomear assessores de estatura: seu secretário de Estado, William H. Seward, havia sido um dos mais acirrados rivais políticos de Lincoln, porém, o mais importante era que Seward tinha conhecimento e experiência em relações exteriores. O relacionamento entre os dois não teve um bom começo. Seward se imaginava primeiro-ministro ou chefe de governo e Lincoln um mero líder simbólico, para não dizer



Recepção diplomática na Casa Branca, 1865



A Câmara dos Deputados dos EUA, 1861, durante a crise da secessão

um bufão. Mas quando Seward precipitadamente propôs unir o Norte e o Sul instigando uma guerra com potências estrangeiras, Lincoln, sem alarde, rejeitou a ideia, estabeleceu sua autoridade e logo ganhou o respeito e a admiração de seu secretário.

### Uma guerra de duas frentes evitada

A deflagração da guerra em abril de 1861 trouxe ao novo presidente sua primeira crise de relações exteriores. Da perspectiva da União (o Norte), o conflito não era uma guerra entre nações, mas sim uma rebelião interna a ser contida sem a interferência de outras nações. Mas, para a Grã-Bretanha e a França, que esperavam continuar o comércio com a Confederação (o Sul), a decisão de Lincoln de bloquear os portos sulistas fez com que, sob a lei internacional, constatassem a existência de um estado de guerra, proclamassem sua neutralidade

e reconhecessem a Confederação como beligerante. Juntas, essas ações outorgaram legitimidade ao Sul, que estava a um passo de seu pleno reconhecimento como nação.

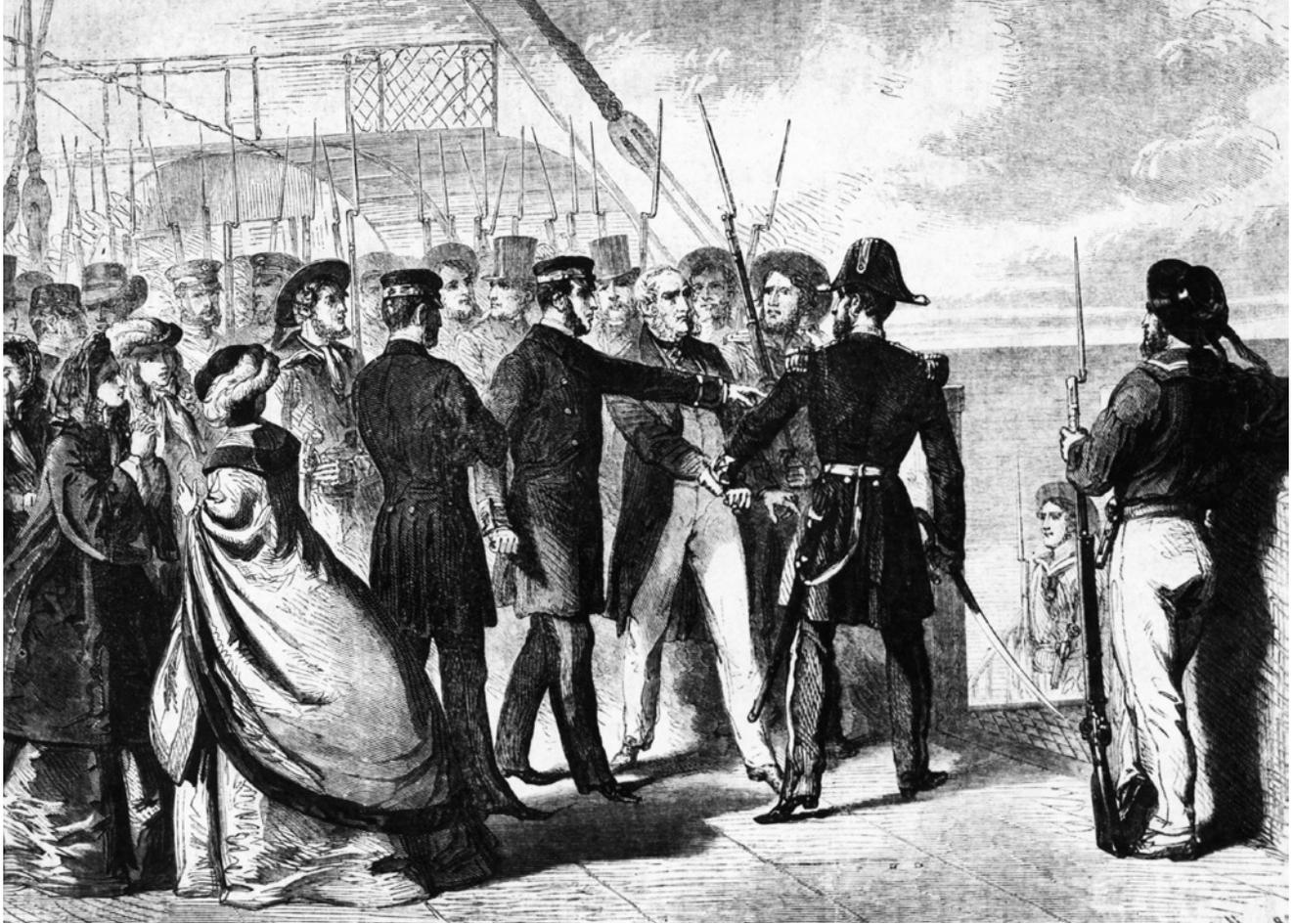
Assim, a diplomacia de Lincoln teve como foco evitar que potências estrangeiras reconhecessem a independência sulina. Ele continuou a se opor a qualquer envolvimento externo, fosse uma nação se prontificando a promover conversações de paz ou propondo uma mediação, uma arbitragem ou um armistício. Contudo, Lincoln também amenizou (mas nunca rejeitou) os alertas de Seward de que os Estados Unidos iriam à guerra com qualquer nação que interferisse. O presidente também moderou os despachos do secretário e contou com o seu tranquilo, embora austero, ministro para a Inglaterra, Charles Francis Adams, para resolver outros problemas.

A questão do reconhecimento surgiu repetidamente durante

o curso da Guerra Civil. A humilhação da União na Batalha de Bull Run em julho de 1861 convenceu alguns europeus de que a independência da Confederação era um fato consumado. Como poderia a União forçar uma reconciliação entre 11 estados e milhões de pessoas? Em novembro do mesmo ano, um navio da Marinha americana apreendeu o RMS *Trent*, navio-correio britânico, e retirou ilegalmente dois comissários sulistas, James Mason e John Slidell, que organizaram o bloqueio contra a União e estavam a caminho da Inglaterra. Lincoln sensatamente libertou os prisioneiros e autorizou a admissão de erro em vagas palavras, o que salvou a posição americana e conseguiu por pouco evitar uma guerra de duas frentes que colocaria os Estados Unidos ao mesmo tempo contra a Grã Bretanha e o Sul.

O USS San Jacinto examina o navio-correio britânico *Trent*. Dois comissários confederados foram retirados do RMS *Trent*, dando início a uma crise diplomática entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha





### Um ato necessário sob o ponto de vista militar

Uma ferramenta que Lincoln empregou em sua tentativa de evitar o reconhecimento diplomático da Confederação foi o sentimento antiescravista entre os europeus. Logo após a vitória apertada da União em Antietam no último trimestre de 1862, Lincoln exerceu seus poderes militares como comandante-em-chefe para declarar que, a partir de 1º de janeiro de 1863, todos os escravos nos estados ainda em rebelião estavam libertos. Ele qualificou essa histórica Proclamação da Emancipação como um ato “necessário sob o ponto de vista militar”, com a finalidade de encorajar os escravos a abandonar as plantações e unirem-se aos exércitos da União em seu avanço.

Como sempre, Lincoln fez um balanço cuidadoso entre objetivos conflitantes enquanto avançava rumo a um objetivo maior. A Proclamação da Emancipação não citava os escravos



em estados de fronteira, como Kentucky, Missouri, Maryland e Delaware, que não haviam se juntado à Confederação (bem como partes do Tennessee já sob ocupação da União). Lincoln assim conservou o apoio desses estados importantes e evitou indispor-se com nortistas conservadores e possíveis legalistas da União no Sul. Mesmo assim, Lincoln sabia que sua Proclamação

Acima: os comissários da Confederação James Mason e John Slidell sendo retirados do Trent. O presidente Lincoln ordenou a libertação dos confederados para evitar mais danos às relações com a Grã-Bretanha e o risco de perder o apoio britânico à Confederação. À esquerda: John Bull, à direita na charge britânica, ameaça os Estados Unidos: “Faça o que é direito, meu filho, se não eu o faço em pedaços”

da Emancipação era moralmente justa. Ele reconheceu também que isso levantaria o moral da União ao elevar a guerra ao nível de cruzada humanitária. E, naturalmente, contou com a emancipação para evitar que os britânicos e os franceses, que se opunham à escravidão, entrassem na guerra do lado dos sulistas.

Os instintos diplomáticos do presidente provaram estar certos. Muitos líderes britânicos e franceses haviam calculado que a divisão dos Estados Unidos em duas nações rivais serviria melhor aos objetivos de seus países. A Proclamação da



Emancipação era uma ferramenta potente para sobrepujar esse sentimento. No princípio, alguns estadistas britânicos consideraram o documento um esforço hipócrita da União para arrancar a vitória da derrota certa, incitando rebeliões de escravos. Se a guerra era sobre a escravidão, por que Lincoln havia declarado que seu objetivo era preservar a União?

De fato, em novembro seguinte, o gabinete britânico, liderado pelo primeiro-ministro Lorde Palmerston, considerou uma proposta intervencionista de reconhecer a Confederação e assim forçar a União a discutir a paz. O gabinete votou unanimemente contra isso, principalmente porque não desejava que a Grã-Bretanha fosse vista do lado dos escravistas contra Lincoln e a emancipação. Juntamente com os russos, a Grã-Bretanha então rejeitou a proposta do imperador francês Napoleão

III de exigência de armistício apoiado por forças multilaterais se qualquer dos dois lados beligerantes americanos rejeitasse a exigência (na realidade, era uma ameaça cujo alvo era o Norte, uma vez que um armistício ratificaria efetivamente a independência sulista). No final de 1862, o ministro Palmerston entendeu que, fosse qual fosse a mistura de *realpolitik* e instinto moral que levou à proclamação de Lincoln, ainda que seus motivos não fossem 100% puros, os resultados seriam desejáveis e justos.

### O renascimento da liberdade

E assim foi. Quando finalmente a vitória do Norte veio em abril de 1865, ficou claro que o presidente havia salvado a União, mas não a União de 1861. Quando as emendas pós-guerra à Constituição do EUA garantiram que os americanos nunca mais permitiriam a escravidão em suas terras, a verdadeira dimensão

No fim da guerra: multidões em Richmond, Virgínia, ex-capital da Confederação, dão as boas-vindas ao presidente Lincoln

da visão de Lincoln tornou-se clara. Lincoln propiciou o renascimento da liberdade com base nos direitos naturais subjacentes à Declaração de Independência. Ele destruiu a escravidão e o Velho Sul e fez emergir uma União melhor. E o papel de Lincoln como diplomata habilidoso foi um ingrediente indispensável para evitar a intervenção europeia e sua predominância em uma das batalhas quase sempre esquecida, porém decisiva, da Guerra Civil.

---

Howard Jones é professor de Pesquisa Universitária da Universidade do Alabama. É autor de *Union in Peril: The Crisis Over British Intervention in the Civil War* [União em Perigo: A Crise sobre a Intervenção Britânica na Guerra Civil].

# Lincoln, o Emancipador

MICHAEL JAY FRIEDMAN



ABRAHAM LINCOLN  
AND HIS

## Emancipation Proclamation

Whereas

On the Twenty-second day of September, in the year of our Lord one thousand eight hundred and sixty-two, a Proclamation was issued by the President of the United States, containing among other things the following, to-wit:

"That on the first day of January, in the year of our Lord one thousand eight hundred and sixty-three, all persons held as slaves within any State, or designated part of a State, the people whereof shall then be in rebellion against the United States, shall be then, thenceforward and forever free, and the executive government of the United States, including the military and naval authority thereof, will recognize and maintain the freedom of such persons, and will do no act or acts to repress such persons, or any of them, in any efforts they may make for their actual freedom.

"That the executive will, on the first day of January aforesaid, by proclamation, designate the States and parts of States, if any, in which the people thereof respectively shall then be in rebellion against the United States, and the fact that any State, or the people thereof, shall on that day be in good faith represented in the Congress of the United States by members chosen thereto at elections wherein a majority of the qualified voters of such State shall have participated, shall, in the absence of strong countervailing testimony, be deemed conclusive evidence that such State and the people thereof are not then in rebellion against the United States."

Now, therefore, I, ABRAHAM LINCOLN, President of the United States, by virtue of the power in me vested as Commander-in-Chief of the Army and Navy of the United States in time of actual armed rebellion against the authority and government of the United States, and as a fit and necessary war measure for suppressing said rebellion, do, on this first day of January, in the year of our Lord one thousand eight hundred and sixty-three, and in accordance with my purpose so to do, publicly proclaim for the full period of one hundred days from the day the first above mentioned order, and designate as the States and parts of States wherein the people thereof respectively are this day in rebellion against the United States, the following, to-wit:

ARKANSAS, TEXAS, LOUISIANA (except the parishes of St. Bernard, Plaquemines, Jefferson, St. John, St. Charles, St. James, Ascension, Assumption, Terre Bonne, Lafourche, St. Mary, St. Martin, and Orleans, including the city of New Orleans), MISSISSIPPI, ALABAMA, FLORIDA, GEORGIA, SOUTH CAROLINA, NORTH CAROLINA and VIRGINIA (except the forty-eight counties designated as West Virginia, and also the counties of Berkeley, Accomac, Northampton, Elizabeth City, York, Princess Ann and Norfolk, including the cities of Norfolk and Portsmouth), and which excepted parts are, for the present, left precisely as if this Proclamation were not issued.

And by virtue of the power and for the purpose aforesaid, I do order and declare that all persons held as slaves within said designated States and parts of States are and henceforward shall be free; and that the executive government of the United States, including the military and naval authorities thereof, will recognize and maintain the freedom of said persons. And I hereby enjoin upon the people so declared to be free, to abstain from all violence, unless in necessary self-defence, and I recommend to them that in all cases, when allowed, they labor faithfully for reasonable wages.

And I further declare and make known that such persons of suitable condition, will be received into the armed service of the United States to garrison forts, positions, stations and other places, and to man vessels of all sorts in said service.

And upon this act, sincerely believed to be an act of justice, warranted by the Constitution, upon military necessity, I invoke the considerate judgment of mankind, and the gracious favor of Almighty God.

In testimony whereof, I have hereunto set my name, and caused the seal of the United States to be affixed.

Done at the City of Washington, this first day of January, in the year of our Lord one thousand eight hundred and sixty-three, and of the Independence of the United States the eighty-Seventh.

U.S.

WILLIAM H. SEWARD, Secretary of State.

By the President:

ABRAHAM LINCOLN.

NOTE.—The rest of the slaves were afterwards freed by Legislation and Constitutional Amendments.

**P**ara alguns americanos, Abraham Lincoln continua a ser o Grande Emancipador, o homem que libertou os escravos afro-americanos. Para outros, Lincoln foi um oportunista que aderiu tarde ao movimento abolicionista, um defensor da emigração voluntária dos negros americanos e até mesmo da supremacia branca.

*“Quase todos os homens são capazes de suportar adversidades, mas se quiser por à prova o caráter de um homem, dê-lhe poder.”*

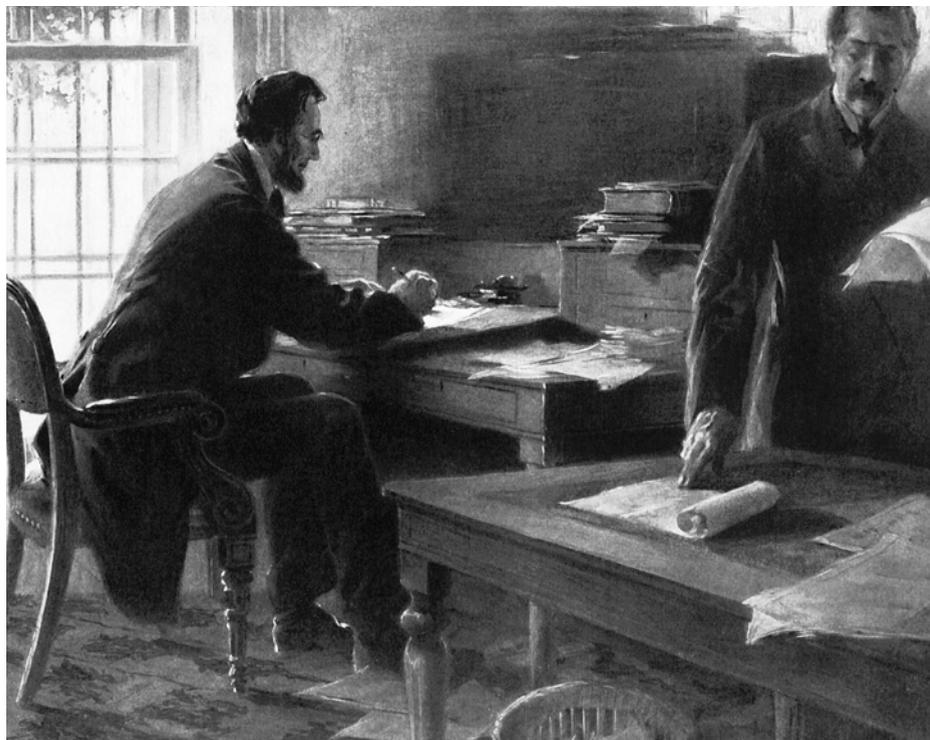
• O que foi ele? Uma resposta justa requer que avaliemos Lincoln no contexto de sua época e do papel que exerceu na vida pública.

“Sempre odiei a escravidão tanto quanto qualquer abolicionista”, disse Lincoln em 1858. Mas quando o adversário político Stephen A. Douglas o acusou de promover a igualdade racial, ele respondeu: “Não sou, e nunca fui, a favor de promover a igualdade social e política entre a raça branca e a negra.” Lincoln também atacou “a falsa lógica que presume que, porque não desejo uma mulher negra como escrava, devo necessariamente desejá-la como esposa”. E pouco antes de assinar a Proclamação da Emancipação, libertando escravos da Confederação

Sulista, o presidente Lincoln convidou uma delegação visitante de negros livres a levar em consideração emigrar para o Haiti ou a América Central, sugerindo: “É melhor para os dois lados ... estar separados.”

Entende-se melhor muitas das ações de Lincoln se nos lembrarmos que ele não escolheu a carreira de profeta moral, mas como escreveu o importante historiador James M. McPherson,

*a de político, um praticante da arte do possível, um pragmático que subscreveu aos princípios [abolicionistas], mas reconhecia que os mesmos só poderiam ser alcançados de forma gradual, passo a passo, como fruto de compromisso*



O presidente Lincoln no Escritório dos Telégrafos do Departamento de Guerra, redigindo a Proclamação da Emancipação

e negociação, acompanhando o ritmo das mudanças progressivas da opinião pública e das realidades políticas.

Embora Lincoln respeitasse bastante a opinião pública, ele sempre se ateu à crença básica de que, nos termos da Declaração de Independência, todos os homens têm direitos iguais e inalienáveis à vida, à liberdade e à busca da felicidade. Para um homem do início e meio do século 19, Lincoln conservou-se livre de preconceitos sociais. Frederick Douglass, o grande pensador, editor e abolicionista afro-americano, encontrou-se com Lincoln na Casa Branca em 1864 e relatou que “em sua companhia não me senti de forma alguma constrangido devido à minha origem humilde ou à impopularidade de minha cor”. O presidente recebeu Douglass “exatamente como você vê um cavalheiro receber outro”. Lincoln era “um dos raros americanos que podia entreter um negro e conversar com ele sem nunca lembrá-lo da impopularidade de sua cor”, concluiu Douglass.

## Definição da verdadeira questão

Antes de chegar à Presidência, a bandeira política de Abraham Lincoln era a de firme oposição à expansão da escravatura aos territórios ocidentais. Para Lincoln, esse era um problema moral, e no último debate com Stephen A. Douglas na campanha ao Senado de 1858, ele colocou esse ponto com espantosa clareza, definindo “a verdadeira questão” como um conflito

*entre um grupo que considera a instituição da escravidão um erro e outro grupo que não a considera um erro. (...) É a eterna luta entre estes dois princípios — o certo e o errado — no mundo todo. São os dois princípios que se confrontam desde o início dos tempos; e permanecerão em luta eternamente. Um é o direito comum da humanidade, e o outro o direito divino dos reis.*

Todavia, a maior lealdade política de Lincoln era para com a União. Com a Guerra Civil em pleno curso, Lincoln escreveu a Horace Greeley, influente editor do *New York Tribune*: “Meu objetivo principal nessa luta é salvar a União, e não

salvar ou abolir a escravidão. [Se] eu pudesse salvar a União sem libertar nenhum escravo, eu o faria; e se eu pudesse salvá-la libertando todos os escravos, eu o faria; e se eu pudesse salvá-la libertando alguns e deixando os outros à própria sorte, eu também o faria.” Tendo isso em vista, Lincoln permitiu aos estados escravistas das fronteiras que se alinharam com a União conservar seus escravos até o fim da guerra. Quando um general da União assumiu declarar abolida a escravidão em partes do Sul, o presidente rapidamente revogou a ordem, reservando para si a autoridade de tal ato.

O problema, na perspectiva de Abraham Lincoln, líder político na época da guerra, era que a opinião pública do Norte ainda não estava preparada para a emancipação. No entanto, como documentou o historiador James Oakes, a retórica de Lincoln durante os primeiros anos da guerra preparou a nação para esse passo. Embora tenha revogado a ordem de libertação do general David Hunter em maio de 1862, Lincoln teve o cuidado de incluir um parágrafo afirmando sua autoridade para decretar ordem semelhante. Em junho, começou a esboçar essa ordem sem alarde.

Em julho, com os exércitos da União paralisados, o presidente informou, com discrição, aos principais membros do governo que ele agora via a emancipação como uma necessidade militar. Isto era bastante verdadeiro e também politicamente sagaz. Os negros escravizados constituíam então a maior parte da força de trabalho da Confederação Sulista. Atraindo-os para a causa da União, iria-se simultaneamente fortalecer o esforço de guerra do Norte e enfraquecer o dos oponentes confederados. Embora um número crescente



Soldados afro-americanos, lutando pela União, libertam os escravos em fazenda da Carolina do Norte



Escravos lendo a Proclamação da Emancipação



Escravos reunidos em uma fazenda em Baton Rouge, Louisiana (esquerda) e trabalhando nos campos de algodão (acima)



Acima: a primeira leitura da Proclamação da Emancipação para o gabinete de Lincoln. À esquerda: com a Proclamação, o Exército da União recrutou soldados negros, como os do 2º Regimento de Artilharia de Pessoas de Cor dos Estados Unidos



de brancos do Norte apoiasse a abolição, muitos que se opunham a ela e lutavam apenas em defesa da União percebiam que a libertação dos escravos poderia ser decisiva no campo de batalha.

### **Promessa cumprida**

Em 22 de setembro de 1862, Lincoln promulgou um decreto

que se tornou conhecido como a Proclamação Preliminar da Emancipação. Esse decreto anunciava sua intenção de, em 1º de janeiro de 1863, promulgar outro declarando que “todas as pessoas mantidas como escravos dentro de qualquer estado ou parte designada de um estado, cujo povo estiver em rebelião contra os Estados Unidos,

estarão, a partir dessa data em diante, e para sempre, livres”.

Com a chegada do novo ano, Lincoln cumpriu sua promessa. A Proclamação da Emancipação declarava que todos os escravos dentro da Confederação “estão e daqui por diante serão livres; e que o governo executivo dos Estados Unidos, incluindo suas autoridades militares e navais, reconhecerá e manterá a liberdade dessas pessoas”. Ela também anunciava os planos

da União para recrutar e colocar soldados negros em serviço.

O futuro líder afro-americano Booker T. Washington tinha cerca de 7 anos de idade quando a Proclamação da Emancipação foi lida em sua fazenda. Como relembrou em suas *Memórias de Um Negro*, de 1901:

*À medida que o grande dia se aproximava, cantava-se mais do que de costume nos alojamentos dos escravos. O canto era mais audacioso, mais envolvente e prolongava-se até mais tarde da noite. A maioria dos versos das canções das fazendas (plantation songs) fazia alguma referência à liberdade. ... Um sujeito que parecia ser desconhecido (funcionário do governo, imagino) fez um pequeno*

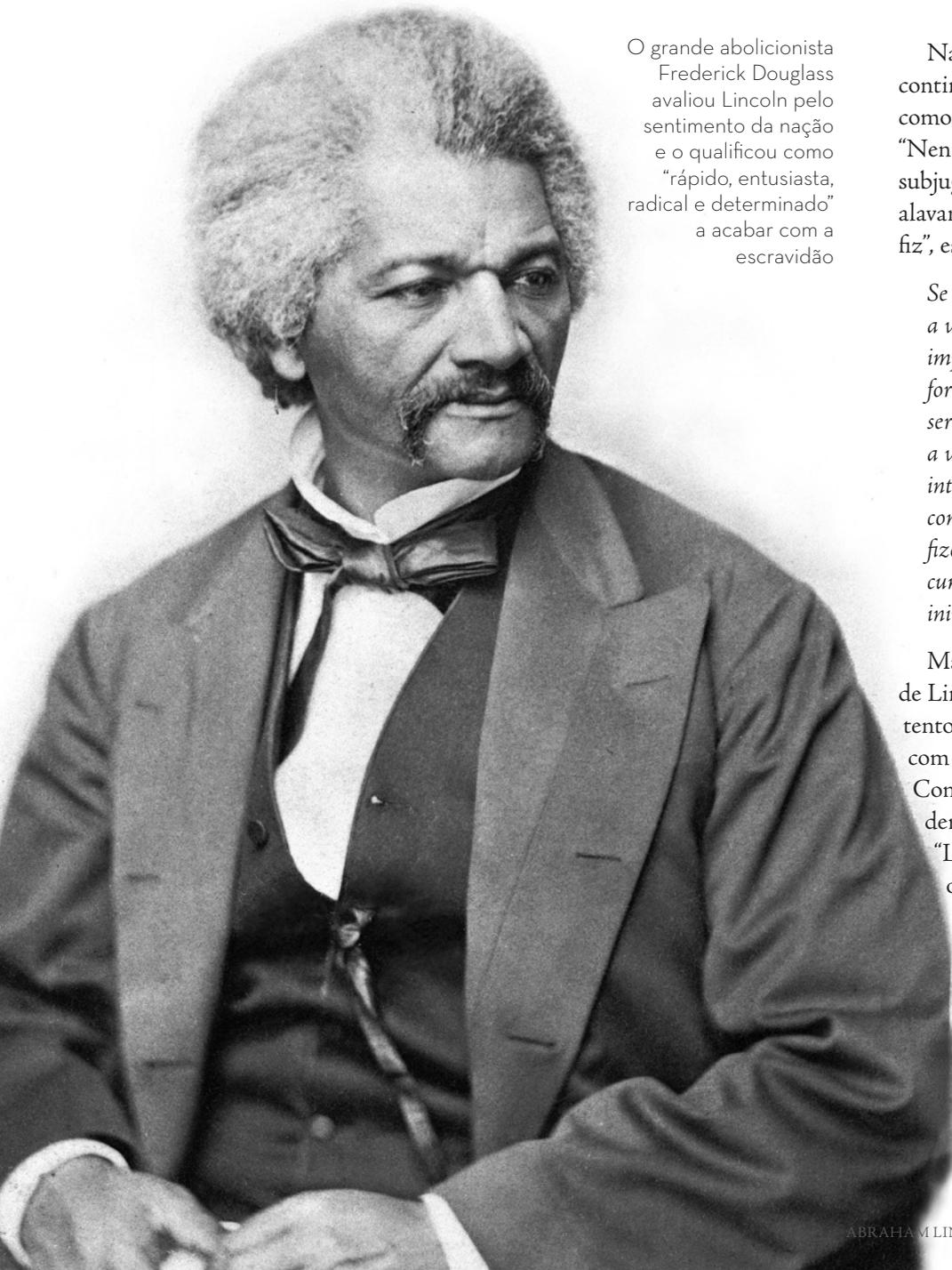
*discurso e depois leu um longo documento — a Proclamação da Emancipação, penso eu. Terminada a leitura, nos disseram que todos estávamos livres e podíamos ir onde quiséssemos. Minha mãe, em pé ao meu lado, inclinou-se e beijou seus filhos, enquanto lágrimas de alegria escorriam pela sua face. Ela nos explicou o que significava tudo aquilo e que aquele era o dia pelo qual rezava há tanto tempo, mas temia que não vivesse para vê-lo.*

O grande abolicionista Frederick Douglass avaliou Lincoln pelo sentimento da nação e o qualificou como “rápido, entusiasta, radical e determinado” a acabar com a escravidão

Na frente política, Lincoln continuava a defender a emancipação como uma necessidade militar. “Nenhum poder humano conseguiria subjugar essa rebelião sem usar a alavanca da Emancipação como eu fiz”, escreveu.

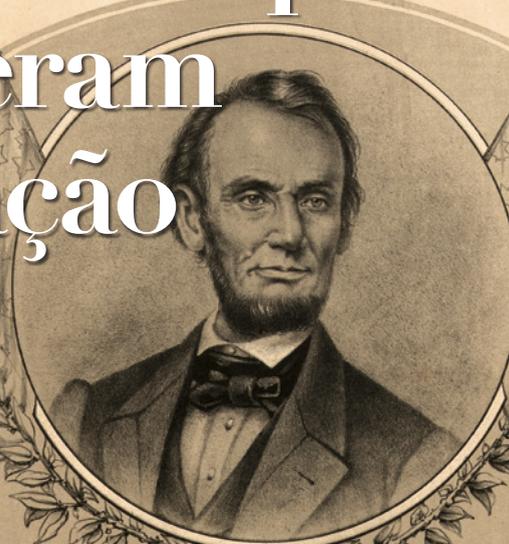
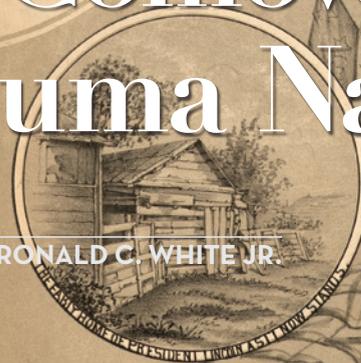
*Se eles [os afro-americanos] arriscam a vida por nós, eles devem ser impelidos por um motivo muito forte. ... E, feita a promessa, precisa ser cumprida. ... Por que dariam a vida por nós sabendo de nossa intenção de traí-los? (...) Eu seria condenado aqui e na eternidade se fizesse tal coisa. O mundo saberá que cumprirei a palavra dada a amigos e inimigos, haja o que houver.*

Mais de uma década após a morte de Lincoln, Frederick Douglass tentou explicar a relação de Lincoln com a causa da emancipação. Comparando Lincoln com os demais abolicionistas, escreveu: “Lincoln parecia lerdo, frio, obtuso e indiferente.” Contudo, “avaliando-o pelo sentimento de seu país, um sentimento que ele, como estadista, era obrigado a considerar”, Lincoln “era rápido, entusiasta, radical e determinado”. Talvez nenhum estadista conseguisse realizar mais.



# As Palavras que Comoveram uma Nação

RONALD C. WHITE JR.



## THE PIONEER BOY,

OR THE EARLY LIFE OF ABRAHAM LINCOLN.

12 MO. ILLUSTRATED. PRICE \$1,50.

## THE PRESIDENTS WORDS

A SELECTION FROM THE SPEECHES & C. OF  
PRESIDENT LINCOLN.

EDITED BY EDWARD EVERETT HALE.

16 M.<sup>o</sup> PRICE \$1,25.

SOLD BY ALL BOOKSELLERS.

WALKER FULLER & C<sup>o</sup> PUBLISHERS BOSTON.



Este anúncio para uma coleção de discursos de Lincoln ilustra como a ascensão do presidente de origem humilde encontrou profunda ressonância em muitos americanos

**P**essoas do mundo todo visitam o Memorial Lincoln em Washington, DC. Nesse espaço sagrado, os visitantes demonstram grande respeito ao ler as eloquentes palavras do Discurso de Gettysburg de Abraham Lincoln e seu segundo discurso de posse.

*“Quando me preparo para persuadir um homem, passo um terço do meu tempo pensando sobre mim e o que vou dizer e dois terços pensando sobre ele e o que ele vai dizer.”*

Fascinado pelo som das palavras, Lincoln escrevia para o ouvido. Ele sussurrava ou falava alto uma palavra antes de colocar o lápis no papel. Seu padrão então era falar ou ler os discursos lentamente.

Vamos analisar três discursos feitos por Lincoln como presidente dos Estados Unidos entre 1861 e 1865. Encorajo-os a dizer as palavras de Lincoln em voz alta, exercício que os ajudará a perceber com mais profundidade o significado das palavras que comoveram uma nação.

### **Primeiro discurso de posse (1861)**

O dia 4 de março de 1861 amanheceu frio e ventoso. Uma multidão de mais de 25 mil pessoas chegou cedo ao Capitólio dos EUA

na esperança de encontrar um bom lugar para ouvir o discurso de posse de Lincoln. Nenhum presidente até então havia tomado posse em tempos tão turbulentos. A eleição de Lincoln levantou a possibilidade bem real de secessão do Sul da União. Os rumores de ameaças à sua vida circulavam pela capital americana.

Em seu discurso de posse, Lincoln buscou o equilíbrio entre a conciliação e a força. Após falar por cerca de 30 minutos, o presidente chegou ao parágrafo de conclusão. Os primeiros rascunhos de Lincoln terminavam com uma pergunta: “Será paz ou espada?” Em vez disso, o secretário de Estado, William Seward, sugeriu ao presidente finalizar com “algumas palavras de afeto — alguma confiança de



Primeira posse de Lincoln, em março de 1861



O Capitólio dos EUA na época em que Abraham Lincoln assumiu a Presidência

calma e alegria”. Uma comparação ilustra como Lincoln transformou as palavras de Seward em sua própria extraordinária prosa poética.

♦ **Seward:** *Eu termino*

**Lincoln:** *Reluto em terminar.*

♦ **Seward:** *Não somos, não devemos ser, estranhos ou inimigos, mas compatriotas e irmãos.*

**Lincoln:** *Não somos inimigos, mas amigos. Não devemos ser inimigos.*

♦ **Seward:** *Embora a paixão tenha abalado demais nossos laços de afeição, eles não devem, e estou certo de que não irão, se romper.*

**Lincoln:** *Embora a paixão possa*

*ter provocado tensões, ela não deve romper nossos laços de afeição*

♦ **Seward:** *Os acordes místicos que, vindos de tantos campos de batalha e de tantos túmulos de patriotas, passam por todos os corações e todos os lares deste nosso imenso continente, ainda voltarão a estar em harmonia com sua antiga música quando bafejadas pelo anjo protetor da nação.*

**Lincoln:** *Os acordes místicos da memória, estendendo-se de cada campo de batalha e de cada túmulo de patriota, a cada coração vivo e a cada lar, por toda esta terra imensa, ainda vão engrossar o coro da União, quando mais uma vez tocados, como*

*certamente serão, pelos melhores anjos de nossa natureza.*

Lincoln cortou palavras irrelevantes. Juntou palavras ou sílabas com sons relacionados. Também usou aliteração ao juntar a mesma consoante e o mesmo som cinco vezes nas duas frases finais, estimulando o ouvinte a ligar estas palavras:

*romper (break)  
laços (bonds)  
campo de batalha (battlefield)  
imenso (broad)  
melhores (better)*

Lincoln usou imagens poderosas para fazer a nação lembrar o seu passado e anunciar sua visão política para o futuro.

### Discurso de Gettysburg (1863)

De 1 a 3 de julho de 1863, a União e as forças confederadas travaram uma grande batalha no pequeno vilarejo de Gettysburg, na Pensilvânia. Após três dias, quase 50 mil mortos, feridos e desaparecidos jaziam entre pomares de pêssegos e pastagens.

Em 19 de novembro, quase 15 mil pessoas se reuniram em Gettysburg para inaugurar o primeiro cemitério militar nacional do país. Edward Everett, ex-presidente da Universidade de Harvard, foi convidado para ser o principal orador do evento. No último instante, o presidente Lincoln foi chamado para proferir “algumas palavras apropriadas para a ocasião”. Após Everett ter falado durante duas horas e sete minutos, a fala do presidente Lincoln na cerimônia, de apenas 272 palavras, duraria dois minutos e meio.

*Há quatro vintenas e sete anos nossos pais deram origem neste continente a uma nova nação: concebida na Liberdade e consagrada ao princípio de que todos os homens são criados iguais.*

“Quatro vintenas e sete anos” não era uma forma simples de dizer oitenta e sete. Lincoln pediu ao público presente para fazer a contagem regressiva a fim de descobrir que os Estados Unidos não foram criados pela Constituição de 1787, que estabeleceu o governo federal, mas em 1776, com a assinatura da Declaração de Independência, proclamação de verdades universais subscrita pelos pais fundadores. Lincoln também escolheu suas palavras com a certeza de que os americanos familiarizados com a Bíblia ligariam suas “quatro



vintenas” ao trecho do Salmo 90, no qual um homem no leito de morte relembra sua vida e espera que o curto período de tempo neste mundo tenha sido significativo:

*Os dias de nossos anos são três vintenas e dez anos;*

*E, em se tratando de razão da força, podem chegar a quatro vintenas de anos.*

Lincoln construiu seu Discurso de Gettysburg usando como estrutura o tempo passado, presente e futuro. Começou no passado ao inserir a inauguração do campo de batalha em um contexto mais amplo da história americana. Ao falar de “nossos pais”, evocou uma herança comum entre o Norte e o Sul, a dos pais fundadores da nação.

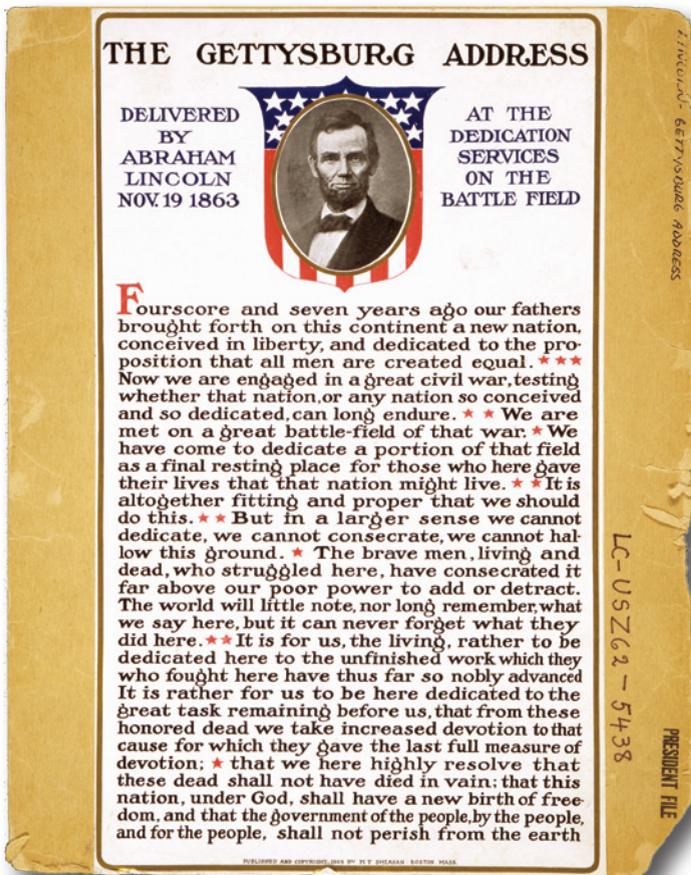
Lincoln concluiu a primeira frase com outra referência à Declaração de Independência: a verdade que “todos os homens são criados iguais”. Ao afirmar esta verdade, Lincoln definiu a Guerra Civil como uma disputa tanto para garantir a liberdade — dos

O presidente Lincoln chega a Gettysburg, Pensilvânia. Seu Discurso de Gettysburg consagrou o cemitério no local onde cerca de 8 mil americanos pereceram em três dias de batalha

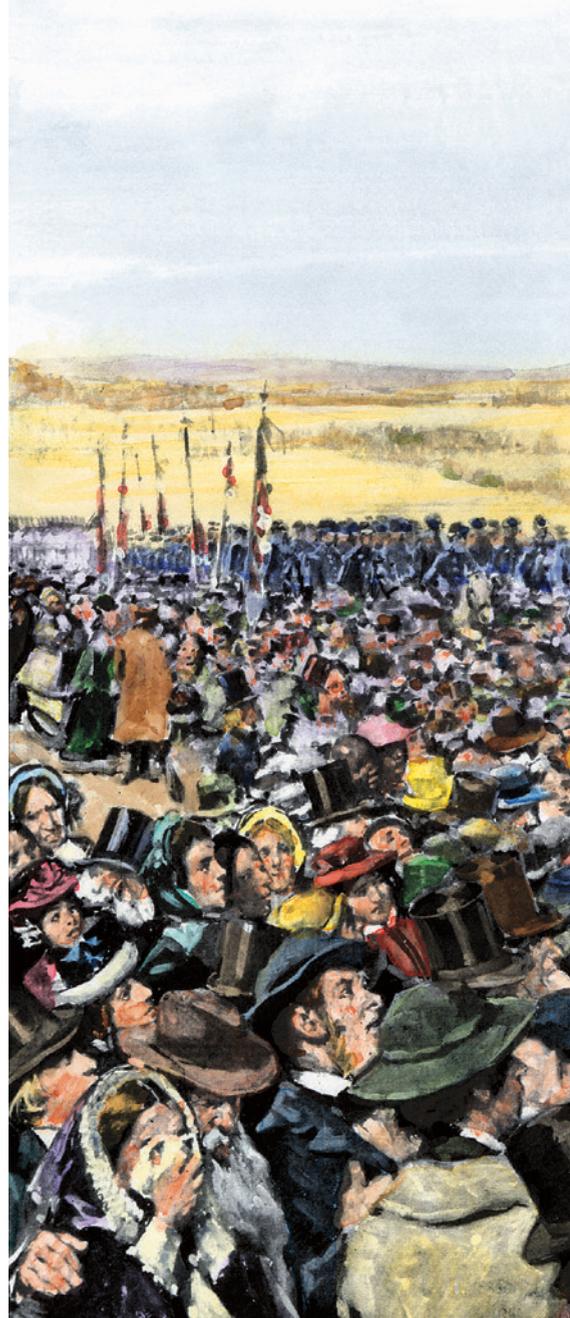
escravos — como para preservar a unidade da nação.

*Estamos agora mergulhados em uma grande guerra civil, pondo à prova se essa nação, ou qualquer outra nação assim concebida e assim consagrada, pode perdurar por muito tempo. Estamos reunidos aqui em um grande campo de batalha desta guerra. Viemos para dedicar parte deste campo ao repouso final daqueles que aqui deram a vida para que esta nação pudesse viver.*

Depois dessa longa frase de introdução, Lincoln fez o público presente avançar rapidamente no tempo desde a Revolução Americana até a Guerra Civil. Em rápidas pinceladas, resumiu o significado da guerra. Ao contrário de Edward Everett, Lincoln não usou nenhuma de suas palavras para descrever com detalhes a recente batalha.



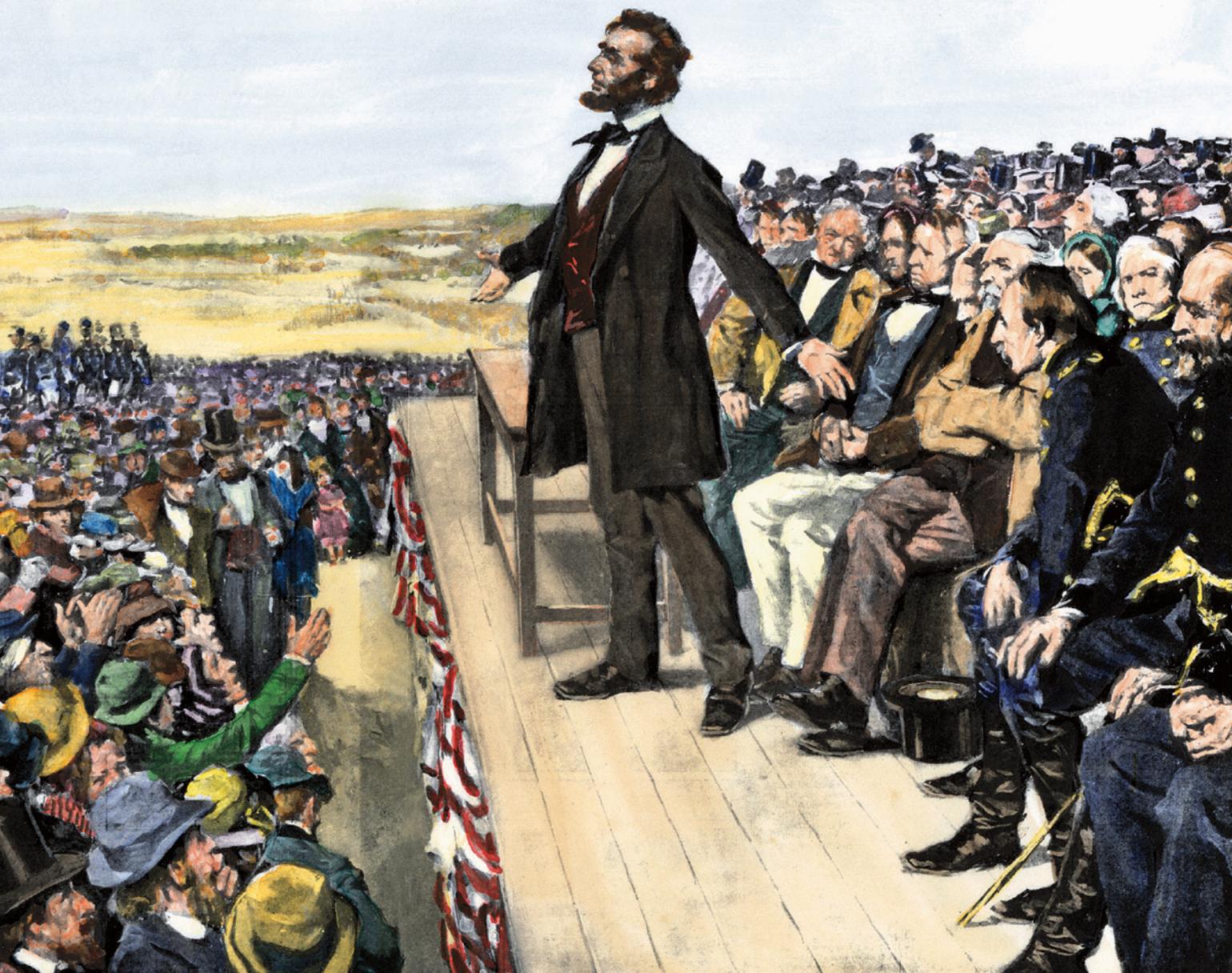
O texto do Discurso de Gettysburg



O presidente Lincoln pronuncia o Discurso de Gettysburg



Mortos da União no primeiro dia da Batalha de Gettysburg



Em vez disso, preferiu ir além, ligando a inauguração ao propósito maior da “nação”, palavra que ele usaria cinco vezes em seu discurso. A Guerra Civil era a “prova” dos ideais fundadores da nação, que determinaria se eles poderiam “perdurar”.

*É de todo justo e adequado que assim o façamos. Mas, em sentido mais amplo, não podemos inaugurar — não podemos consagrar — não podemos santificar — este chão. Os bravos homens, vivos e mortos, que aqui lutaram, já o consagraram,*

*colocando-o em um nível muito acima do nosso fraco poder de acrescentar ou subtrair.*

Essas palavras sinalizaram a transição feita por Lincoln entre os acontecimentos no campo de batalha e os ainda por vir. Mas antes que as pessoas voltassem os olhos para além desse campo de batalha, ele falou sobre o que não deviam fazer.

*não podemos inaugurar  
não podemos consagrar  
não podemos santificar*

O presidente mudou o foco uma última vez nas três últimas frases do discurso.

*O mundo muito pouco notará, nem lembrará por muito tempo o que dissermos aqui, mas não poderá jamais esquecer o que eles aqui fizeram. Somos nós, os vivos, que devemos nos dedicar à obra inacabada, que os que aqui lutaram já fizeram avançar até este ponto de maneira tão nobre. Somos nós que estamos aqui que devemos nos dedicar à grande tarefa diante de nós — que esses mortos a quem*

*homenageamos nos inspirem maior dedicação à causa pela qual eles deram a plena medida da sua devoção — que todos nós aqui presentes determinemos solenemente em vão — que esta nação, sob a proteção de Deus, renascerá para a liberdade — e que o governo do povo, pelo povo e para o povo não desaparecerá da face da terra.*

Lincoln também apresentou sua visão de futuro e da responsabilidade de seus ouvintes — e, por extensão, a responsabilidade de cada americano — de tornar essa visão realidade. Ele deixou as palavras de lado e partiu para a ação. Contrastou “o que dissermos aqui” com “o que eles aqui fizeram”.

Nesse ponto, Lincoln fez sua única complementação ao texto escrito. Acrescentou as palavras “sob a proteção de Deus”. Foi uma

revisão espontânea não característica para um orador que não confiava em discurso improvisado. Ele havia acrescentado várias palavras de improviso em discursos anteriores, mas sempre oferecia depois uma desculpa pela mudança. Dessa vez não procedeu assim. E incluiu “sob a proteção de Deus” nas três cópias do discurso que preparou em datas posteriores.

“Sob a proteção de Deus” apontava para o passado e para o futuro: ao passado, para “esta nação” que retirou seu fôlego de fontes políticas e religiosas, mas também ao futuro, para “renascer”. Lincoln começara a ver a Guerra Civil como um ritual de purificação. A antiga União tinha de morrer. O antigo homem tinha de morrer. A morte tornou-se uma transição para uma nova União e uma nova humanidade.

Ao se aproximar do ponto culminante do curto discurso

inesperado, Lincoln pronunciou as palavras que mais seriam lembradas:

*e que o governo  
do povo  
pelo povo e  
para o povo,  
não desaparecerá da  
face da terra.*

O discurso tinha chegado ao fim. Lincoln não disse a palavra “eu” uma única vez. Foi como se tivesse se tornado invisível para que os americanos pudessem se concentrar totalmente nas verdades transcendentais.

### **Segundo discurso de posse (1865)**

O presidente Abraham Lincoln tinha todos os motivos para se sentir esperançoso à medida que se aproximava o dia da posse, em 4 de março de 1865. Após quatro anos de guerra, a Confederação

Desfile que precedeu o Discurso de Gettysburg. O discurso em si não foi especialmente bem recebido na época; sua importância na definição da Guerra Civil como uma luta pelo “novo nascimento da liberdade” passou a ser mais tarde compreendida por todos



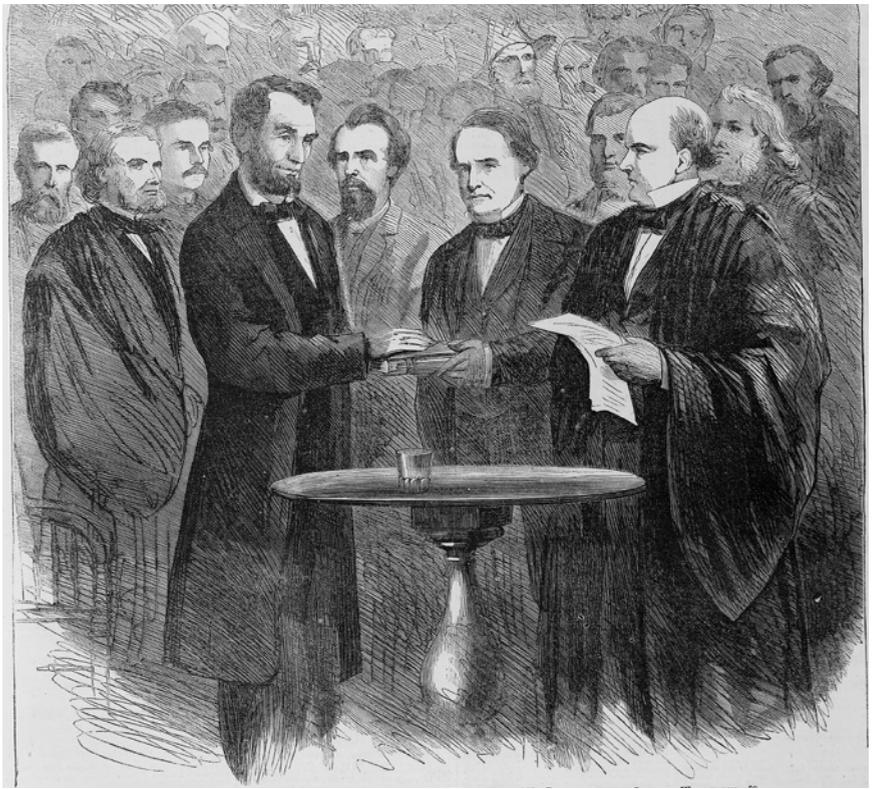
Sulista estava despedaçada, se já não destruída. Contudo, a apreensão invadia esse espírito de otimismo. Rumores circulavam pela capital que confederados desesperados, ao perceber que a derrota era iminente, tentariam sequestrar ou assassinar o presidente.

O segundo discurso de posse de Lincoln tinha 701 palavras, 505 das quais com apenas uma sílaba. Ele começou em tom suave. Na atmosfera altamente carregada de uma Washington em tempo de guerra, com soldados por toda parte, era como se ele quisesse atenuar as expectativas.

No segundo parágrafo, Lincoln usou a imagem da guerra em cada frase. A tensão permeia todo o parágrafo, atingindo um crescendo na frase final: “E a guerra chegou.” Em quatro palavras, Lincoln reconheceu que a guerra havia chegado, apesar das melhores intenções dos líderes políticos. Quis que seus ouvintes entendessem que essa guerra não podia ser simplesmente considerada como a concretização de planos humanos.

“Ambos leem a mesma Bíblia e oram ao mesmo Deus.” Essa introdução à Bíblia marca um novo território. A Bíblia havia sido mencionada apenas uma vez nas 18 posses anteriores. Lincoln sinalizou, assim, seu intento de analisar a guerra do ponto de vista teológico e político.

Após reconhecer que os soldados de ambos os lados do conflito liam a Bíblia e oravam de forma semelhante, Lincoln discorreu sobre o uso apropriado do livro sagrado. Sugeriu que alguns brandiam a Bíblia e a oração quase como armas para ganhar a simpatia de Deus para um lado ou para o outro. Mas isso apenas produzia leituras opostas do mesmo livro. De um lado, estavam



Lincoln presta juramento como presidente, em março de 1861

aqueles que acreditavam firmemente que a Bíblia que liam sancionava a escravidão. Do outro, os que achavam que ela encorajava a abolição da escravidão. (“Ambos leem a mesma Bíblia e oram ao mesmo Deus, e cada um pede Sua ajuda contra o outro.”) Em vez disso, Lincoln defende a causa de um Deus inclusivo que não toma um partido específico, seja de um lado ou de outro.

À medida que o discurso se aproxima do parágrafo final, toma um rumo inesperado. Quando muitos esperavam que Lincoln celebrasse os sucessos da União, ele em vez disso chamou corajosamente a atenção para o mal que existia há muito tempo bem no centro da família nacional americana, com a aquiescência de americanos demais. Se Deus determinasse agora o fim da escravidão, “esta guerra terrível” apareceria como “a devida punição àqueles de quem a ofensa proviera”.

Lincoln passara a acreditar que, onde havia o mal, o julgamento, na

certa, não tardaria a acontecer. Ele via esse julgamento na morte de 623 mil soldados confederados e da União e aceitava que fosse assim:

*Afetuosamente esperamos, oramos com fervor, para que este poderoso flagelo da guerra desapareça com rapidez. Contudo, se Deus determinar a sua continuação ... até que cada gota de sangue derramado pelo chicote seja compensada por outra derramada pela espada, então ainda devemos dizer hoje o que já foi dito há três mil anos: ‘Os julgamentos do Senhor são todos justos e verdadeiros.’*

Lincoln pediu que seus compatriotas pesassem sua própria história na balança da justiça. Ele fez isso consciente de que nenhuma nação se sente confortável diante de seus próprios delitos.



*Sem malícia contra ninguém, com  
caridade para todos ...*

No final, pede à nação para entrar em uma nova era, armada não com a inimizade, mas com o perdão. Essas palavras tornaram-se imediatamente as expressões mais memoráveis do segundo discurso de posse. Plenamente consciente de que a nação estava chegando ao final do seu conflito armado mais destrutivo, que incitara irmão contra irmão, o presidente pediria aos americanos atos de incrível solidariedade. Ele os convocaria a superar as fronteiras do regionalismo exagerado para se unirem em reconciliação.

Lincoln termina seu segundo discurso de posse com uma coda de cura:

*atar...  
cuidar de...*

*fazer tudo para alcançar e usufruir  
uma paz justa e duradoura, entre  
nós e com todas as nações.*

Lincoln havia definido a conquista da paz como o alcance da reconciliação. Neste parágrafo final ele declara que o verdadeiro teste dos objetivos da guerra seria a maneira como os americanos tratariam os vencidos.

Algumas vezes a pedra de toque do mundo moderno “são apenas palavras” parece se sair vitoriosa. Este retrato de Abraham Lincoln, ao contrário, baseia-se na premissa de que as palavras importam. Lincoln liderou os Estados Unidos na Guerra

“Sem malícia contra ninguém, com caridade para todos.” Segunda posse de Lincoln, 1865

Civil com palavras que galvanizaram a coragem de seu país.

---

Ronald C. White é membro da Biblioteca de Huntington, professor visitante de História da Universidade da Califórnia - Los Angeles e professor emérito de História Religiosa Americana no Seminário Teológico de São Francisco. É o autor de *The Eloquent President: A Portrait of Lincoln Through His Words* [O Presidente Eloquente: Retrato de Lincoln por Suas Palavras].

## PALAVRAS DE SABEDORIA

“Afirmo não ter controlado os acontecimentos, e confesso francamente que os acontecimentos acabaram por me controlar.”

“O sentimento popular é tudo. Se o sentimento popular for favorável, nada pode dar errado; se for contrário, nada pode dar certo.”

“Desencoraje os litígios. Convença seus vizinhos a entrar em acordo sempre que puder. Enfatize que o suposto vencedor é muitas vezes um verdadeiro perdedor — nas custas, nas despesas e na perda de tempo. Como conciliador, o advogado tem a oportunidade extraordinária de ser um bom homem. Ainda haverá trabalho suficiente.”

“Conta-se que um monarca oriental solicitou a seus sábios conselheiros que criassem uma frase que estaria sempre à vista e que deveria ser sempre, e em qualquer situação, verdadeira e apropriada. Eles lhe apresentaram a frase: ‘E isso, também, passará.’ Quanta coisa ela expressa! Quão disciplinadora na hora do orgulho! Quão consoladora na aflição mais aguda!”

“Os votos são sucessores legítimos e pacíficos das balas.”

“O caráter é como uma árvore, e a reputação, como sua sombra. A sombra é o que nos parece; a árvore, a coisa real.”

“Diz-se que todo homem tem sua ambição específica. Seja isso verdade ou não, posso dizer que não tenho ambição maior do que ser verdadeiramente estimado pelos meus semelhantes, tornando-me digno de sua estima.”

“Todos desejam vida longa, mas ninguém deseja ser velho.”

“Não gosto daquele homem. Preciso conhecê-lo melhor.”

“Se você procurar a maldade nas pessoas esperando encontrá-la, certamente a encontrará.”

“Aprendi por experiência própria que pessoas sem vícios têm poucas virtudes.”

“As pessoas, em sua maioria, são tão felizes quanto decidem ser.”

“A afirmação ‘todos os homens são criados iguais’ não teve utilidade prática ao nos separarmos da Grã-Bretanha, e não foi por este motivo que a colocaram na Declaração [de Independência], mas para uso futuro.”

“O voto é mais forte do que a bala.”

“O melhor modo de destruir um inimigo é torná-lo seu amigo.”

“A melhor forma de derrubar uma lei ruim é aplicá-la com rigor.”

“A probabilidade de perder a batalha não deve nos impedir de apoiar uma causa que acreditamos ser justa.”

“Pecar pelo silêncio, quando se deveria protestar, transforma homens em covardes.”

“O que mata o gambá é a publicidade que faz de si mesmo.”

“O que quer que faça, faça-o bem.”

“Sem rancor contra ninguém, com caridade para com todos, com firmeza no correto, à medida que Deus nos permita reconhecer o que é certo, vamos lutar para concluir o trabalho iniciado, para curar as feridas da nação.”

“Pode-se enganar a todos por algum tempo; pode-se enganar alguns o tempo todo; mas não se pode enganar a todos o tempo todo.”

“Não se pode construir o caráter e a coragem retirando-se do homem a iniciativa e a independência.”

“Você não consegue escapar da responsabilidade de amanhã fugindo dela hoje.”

“Se eu fosse tentar ler, quanto mais responder, todos os ataques que me fazem, seria preciso desistir de tudo mais. Faço da melhor forma que sei — o melhor que posso; e continuarei agindo assim até o final. Se ao final eu me sair bem, o que disseram contra mim não valerá nada. Se ao final eu me sair mal, dez anjos jurando que eu estava certo não fariam a menor diferença.”

“Os que negam liberdade aos outros não merecem liberdade; e, perante um Deus justo, não a conservarão por muito tempo.”

“As pessoas comuns são as melhores: por isso o Senhor faz tantas delas.”



# Recursos Adicionais

## LIVROS

Carwardine, Richard. *Lincoln: A Life of Purpose and Power [Lincoln: Uma Vida de Propósito e Poder]*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2006.

Cozzens, Peter. *Shenandoah 1862: Stonewall Jackson's Valley Campaign [Shenandoah 1862: Campanha do Vale de Stonewall Jackson]*. Chapel Hill, Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2008.

Donald, David H. e Harold Holzer. *Lincoln in The Times: The Life of Abraham Lincoln, as Originally Reported in the New York Times [Lincoln no Times: A Vida de Abraham Lincoln como Originalmente Relatada no New York Times]*. Nova York: St. Martin's Press, 2005.

Donald, David H. *Lincoln*. Nova York: Simon and Schuster, 1995.

Ferguson, Andrew. *Land of Lincoln: Adventures in Abe's America [Terra de Lincoln: Aventuras no País de Abe]*. Nova York: Atlantic Monthly Press; distribuído por Publishers Group West, 2007.

Goodwin, Doris Kearns. *Team of Rivals: The Political Genius of Abraham Lincoln [Time de Rivais: O Gênio Político de Abraham Lincoln]*. Nova York: Simon and Schuster, 2005.

Herndon, William H. e Jesse W. Weik. *Herndon's Lincoln*; organizado por Douglas L. Wilson e Rodney O. Davis. Galesburg, Illinois: Centro de Estudos Lincoln da Faculdade Knox; Urbana, Illinois: University of Illinois Press, 2006. (Publicado em associação com a Comissão do Bicentenário de Abraham Lincoln.)

Holzer, Harold e Sara V. Gabbard, orgs. *Lincoln and Freedom: Slavery, Emancipation, and the Thirteenth Amendment [Lincoln e Liberdade: Escravidão, Emancipação e a Décima Terceira Emenda]*. Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 2007. (Publicado em conjunto com o Museu Lincoln, Fort Wayne, Indiana.)

Holzer, Harold. *Lincoln President-Elect: Abraham Lincoln and the Great Secession Winter 1860-1861 [Presidente Eleito Lincoln: Abraham Lincoln e o Inverno da Grande Secessão de 1860-1861]*. Nova York: Simon and Schuster, 2008.

Holzer, Harold. *Lincoln Revisited: New Insights From the Lincoln Forum [Lincoln Revisitado: Novas Perspectivas do Fórum Lincoln]*; organizado por John Y. Simon, Harold Holzer e Dawn Vogel. Nova York: Fordham University Press, 2007. (Ensaio originalmente apresentados em palestras do Fórum Lincoln entre 2003 e 2005.)

Jones, Howard. *Abraham Lincoln and a New Birth of Freedom: The Union and Slavery in the Diplomacy of the Civil War [Abraham Lincoln e o Renascimento da Liberdade: A União e a Escravidão na Diplomacia da Guerra Civil]*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1999.

Lincoln, Abraham. *The Lincoln-Douglas Debates [Debates Lincoln-Douglas]*; organizado por Rodney O. Davis e Douglas L. Wilson. Urbana, Illinois: Centro de Estudos Lincoln da Faculdade Knox, University of Illinois Press, 2008.

Lincoln, Abraham. *Selected Speeches and Writings [Discursos e Escritos Selecionados]*. 1st Vintage Books, Library of America ed. Nova York: Vintage Books, 1992. [Os textos foram selecionados de *The Collected Works of Abraham Lincoln [Obras Reunidas de Abraham Lincoln]*, publicação organizada por Roy Basler (1953), e seu suplemento (1974), e comentados por Don E. Fehrenbacher.]

Sandburg, Carl. *Lincoln: Os Anos da Pradaria, os Anos da Guerra*. Belo Horizonte: Editoria Itatiaia. 1965.

White, Ronald C. *The Eloquent President: A Portrait of Lincoln Through His Words [O Presidente Eloquente: Retrato de Lincoln por Suas Palavras]*. Nova York: Random House, 2005.

Wilson, Douglas L. *Lincoln's Sword: The Presidency and the Power of Words [A Espada de Lincoln: A Presidência e o Poder das Palavras]*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2006.

## JOVEM ADULTO

Herbert, Janis. *Abraham Lincoln for Kids: His Life and Times With 21 Activities [Abraham Lincoln para Crianças: Sua Vida e Seu Tempo com 21 Atividades]*. Chicago: Chicago Review Press, 2007.

Mayer, Cassie. *Abraham Lincoln*. Chicago: Heinemann Library, 2008.

Pascal, Janet B. *Who Was Abraham Lincoln? [Quem foi Abraham Lincoln?]* Nova York: Grosset and Dunlap, 2008.

Trumbauer, Lisa. *Abraham Lincoln and the Civil War [Abraham Lincoln e a Guerra Civil]*. Chicago, Illinois: Heinemann Library, 2008.

## RECURSOS NA INTERNET

### GOVERNO

#### Comissão do Bicentenário de Abraham Lincoln

<http://www.lincolnbicentennial.gov>

#### Abraham Lincoln Papers

Biblioteca do Congresso

A coleção completa dos Documentos de Abraham Lincoln na Biblioteca do Congresso consiste de aproximadamente 20 mil documentos, organizados em três séries de “Correspondência Geral” que incluem correspondências e anexos enviados e recebidos, esboços de discursos, anotações e material impresso. A maioria dos 20 mil itens é da década de 1850 até os anos da Presidência de Lincoln, de 1860-1865. A coleção inclui aproximadamente 61 mil imagens e 10 mil transcrições. <http://memory.loc.gov/ammem/alhtml/malhome.html>  
<http://memory.loc.gov/ammem/alhtml/malhome.html>

#### Biblioteca e Museu Presidencial Abraham Lincoln

A Biblioteca Presidencial é uma biblioteca pública de pesquisa não circulante, especializada em Abraham Lincoln e na história de Illinois. As coleções incluem livros, prospectos, mapas e periódicos; fotografias, filmes, fitas e broadsides; manuscritos; e jornais de Illinois em microfilme. A biblioteca contém amplos recursos sobre a Guerra Civil e muitas publicações úteis para pesquisa genealógica, além da famosa coleção Henry Horner Lincoln.

#### ACADÊMICOS E PARTICULARES

#### Associação Abraham Lincoln

A Associação Abraham Lincoln faz contribuições significativas para manter vivos sua história e seus ideais únicos. As contribuições são feitas de várias formas, como a publicação de trabalhos acadêmicos, o fornecimento de materiais de ensino a estudantes e assistência para a preservação de locais relacionados com Lincoln.

<http://www.abrahamlincolnassociation.org/>

#### Livraria Abraham Lincoln

Criada em 1938, a Livraria Abraham Lincoln atende às necessidades de colecionadores e acadêmicos, historiadores profissionais e escritores independentes, caçadores de primeiras edições e entusiastas de História.

<http://www.alincolnbookshop.com/html/bibliographies.htm>

#### Instituto Lincoln

O Instituto Lincoln fornece apoio e assistência a acadêmicos e grupos envolvidos no estudo da vida do 16º presidente dos Estados Unidos e no impacto que ele teve na preservação da União, na emancipação dos escravos negros e no desenvolvimento de princípios democráticos que foram aplicados no mundo todo.

<http://www.abrahamlincoln.org>

## **Centro Miller de Diplomacia Pública: Abraham Lincoln (1809-1865)**

Universidade de Virgínia

O Centro Miller de Diplomacia Pública é uma entidade nacional apartidária dedicada a pesquisar, refletir e relatar o governo americano, com atenção especial ao papel central e à história da Presidência.

<http://millercenter.virginia.edu/academic/americanpresident/lincoln>

## **Universidade do Norte de Illinois**

Projeto de Digitalização Lincoln

Antes de Abraham Lincoln se tornar o chefe do Executivo da nação, ele teve uma vida fascinante que ajuda esclarecer temas importantes da História americana. Esse site apresenta material dos anos de Lincoln em Illinois (1830-1861), complementado por recursos dos primeiros anos do estado de Illinois (1818-1829). A coleção apresenta um histórico do início da carreira de Lincoln e ajuda os leitores a gravar suas experiências no meio social e político de Lincoln.

<http://lincoln.lib.niu.edu>

## **Documentos Presidenciais de Abraham Lincoln**

Projeto que conta com a colaboração da Associação Abraham Lincoln, do Centro de Estudos Lincoln, da Biblioteca do Congresso, do Instituto Lehrman e do Instituto Lincoln, esse esforço complementa e coordena vários outros esforços para criar uma versão on-line autorizada e abrangente das palavras de Lincoln e da correspondência que recebeu.

<http://www.presidentialpapersofabrahamlincolnonline.org/index2.html>

## CRÉDITOS DAS FOTOS:

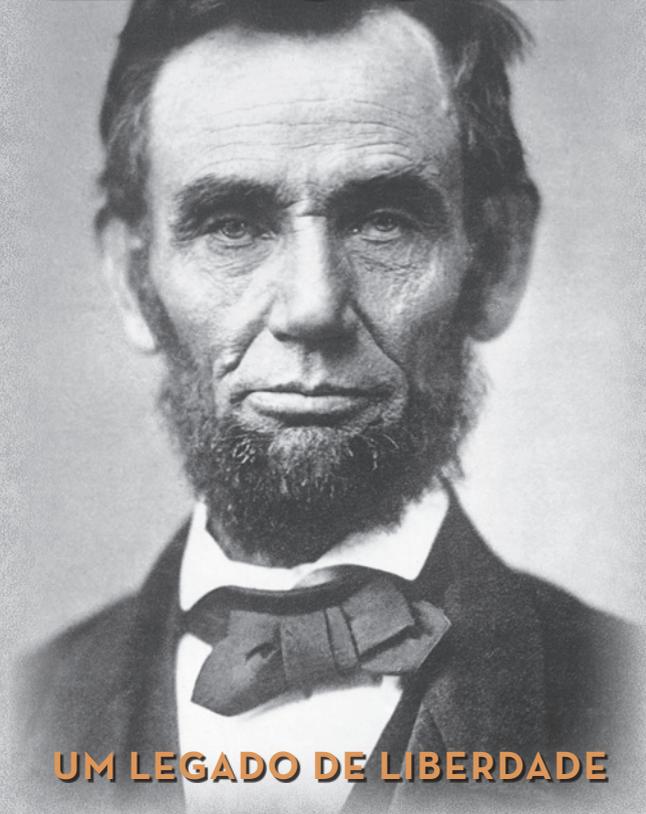
Os créditos das ilustrações que aparecem de cima para baixo nas páginas estão separados por travessões e da esquerda para a direita, por ponto e vírgula.

Capa: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias. Capa interna: PhotoSpin. Página 2: AP Images. 3, 6: PhotoSpin. 7: Jupiterimages. 8-9: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias; © Layne Kennedy/CORBIS Seth Perlman/AP Images; PhotoSpin. 10: Seth Perlman/AP Images. 11: Tina Fineberg/AP Images. 12: James Mann/AP Images – John Lovretta/The Hawk Eye/AP Images; David Manley/News Tribune/AP Images – Robin Loznak/Daily Inter Lake/AP Images. 13: Bob Gomel/Time Life Pictures/Getty Images – © Bettmann/CORBIS. 14: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias. 15: Cortesia: Sítio Histórico Nacional do Local de Nascimento de Abraham Lincoln, Serviço Nacional de Parques. 16: Biblioteca do Congresso, Divisão de Manuscritos; Cortesia: Loja/Livraria Abraham Lincoln, Inc. Chicago, IL. Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias, North Wind Picture Archives. 17: Biblioteca do Congresso, Divisão de Mapas – Coleção Granger, Nova York. 18: Picture History (2); © CORBIS – Biblioteca e Museu Presidencial Abraham Lincoln. 19, 20: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias (3). 22: AP Images. 23: Picture History. 24-5: Biblioteca e Museu Presidencial Abraham Lincoln. 26: Picture History; Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias. 28: AP Images; Museu Histórico de Chicago – Coleção Granger, Nova York; Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias. 29: Picture History. 30: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias. 31: AP Images. 32: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias. 33: Cortesia:

Museu de Arte Fenimore, Cooperstown, Nova York. 34: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias (2). 35: Picture History. 36-38: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias; Administração Nacional de Arquivos e Registros (2); Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias (5). 39: Parque Histórico Nacional do Fórum de Appomattox. 40: Picture History. 41: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias. 42: © Illustrated London News Ltd./Mary Evans Picture Library. 43: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias. 44: © Bettmann/CORBIS – Coleção Granger, Nova York. 45: © Bettmann/CORBIS. 46, 47: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias (2). 48: © CORBIS. 49: Coleção Granger – Biblioteca Histórica do Estado de Illinois; Banco de Imagens Militares e Históricas [www.historicalimagebank.com](http://www.historicalimagebank.com). 50: Coleção Granger, Nova York – Museu Histórico de Chicago. 51, 52, 53, 54: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias (4). 55: © Bettmann/CORBIS. 56: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias (2), North Wind Picture Archives. 58: Cortesia: Parque Militar Nacional de Gettysburg, Serviço Nacional de Parques. 59, 60, 61: Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias (3).

Editor executivo: George Clack  
Editor-gerente: Michael Jay Friedman  
Diretor de arte/Design: Min-Chih Yao  
Pesquisa fotográfica: Maggie Johnson Slike

A B R A H A M  
**LINCOLN**



**UM LEGADO DE LIBERDADE**

Bureau de Programas de Informações Internacionais  
DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA  
<http://www.america.gov>

